

ELOGIO DO HOMEM PARDO

Rachel Caldas Lins
Gilberto Osório de Andrade

Quando em 1745 foi entronizada festivamente no Recife a primeira imagem trazida ao Brasil do Beato Gonçalo Garcia (beatificado pelo Papa Urbano VIII em 19 de julho de 1627 e canonizado por Pio IX em 10 de julho de 1862), um frade franciscano, natural da Bahia, e professor na época no Convento da Vila de Igarapu, escreveu uma longa "reportagem" que sob o título de "*Súmula Triunfal*" veio a ser publicada pela *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, no. 153.

O frade-repórter era Frei Manuel da Madre Deus que assinou o relato com o pseudônimo de Sotério da Sylva Ribeiro e anunciou estar a "*Súmula*" acompanhada da Oração Panegírica, que recitara o Doutíssimo e Reverendíssimo Padre Fr. Antônio de Sta. Maria Jaboatão, Religioso Capucho da Prov. de Santo Antônio do Brasil, na Igreja dos Pardos da Senhora do Livramento, em Pernambuco no dia 12 de setembro de 1745.

Todavia nem no exemplar existente na Biblioteca do Conde de Sabugosa, nem na *Revista do Instituto Histórico*, que o reproduz, encontra-se o Sermão. Fomos localizá-lo em edição própria na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Coleção Benedito Ottoni. Organizada pelo Dr. J. C. Rodrigues, doação do Dr. Júlio B. Ottoni) em opúsculo sob o título de *Discurso Histórico, Geográfico, Genealógico, Político, e Encomiástico*, recitado na nova celebridade, que dedicaram os Pardos de Pernambuco, ao Santo da sua cor, o Beato Gonçalo Garcia, na sua Igreja do Livramento do Recife, aos 12 de setembro do ano de 1745, pelo Padre, Pregador Fr. Antônio de Santa Maria Jaboatão. 2

Só depois viemos a saber que José Antônio Gonsalves de Mello trouxera de Portugal, dentre muitos outros documentos, a reprodução xerográfica do "Discurso".

A edição do *Sermão*, de 1751 ("Na Oficina de Pedro Ferreira, Impressor da *Augustíssima Rainha N. S. Ano de MDCCLI*"), tem 52 páginas, precedidas, como era de costume na época, de oferecimento, licenças, e aprovações eclesíasticas (Págs. I a XII).

Vem em primeiro lugar a carta de 18 de agosto de 1750 de oferecimento ao Revmo. P. Provincial Fr. Gervásio do Rosário, por ter dado a necessária licença "para correr".

Vem a seguir a Carta escrita (em 22 de novembro de 1745) por Fr. João da Apresentação Campelly, Qualificador do Santo Ofício, etc, agradecendo o envio do sermão e elogiando-o.

Em terceiro lugar reproduz-se a licença da ordem em 20 de agosto de 1750, assinada pelo Ministro Provincial Fr. Gervásio do Rosário e subscrita por Fr. João de Jesus Maria, Secretário da Província. Consta da licença que o sermão foi "pregado na festividade do Beato Gonçalo Garcia na nova celebração, que dedicaram aos Pardos da sua cor na sua mesma Igreja do Livramento do Recife de Pernambuco". Seguem-se a Aprovação do Santo Ofício (Lisboa, 19 de janeiro de 1751); o "Imprimatur" da mesma data; a Aprovação do Superior da Ordem em Lisboa (15 de fevereiro de 1751); o parecer com que o "Examinador das Três Ordens Militares" Fr. Timótheo da Conceição, atende a determinação de Sua Majestade (no dia 27 de abril de 1751), aproveitando a oportunidade para acentuar que "A glória maior dos vassallos de V. Mag. e do nosso Reino é ser entre todos os da Cristandade o mais fiel, e obediente, à suprema Cabeça da Igreja, e ter um Monarca, que com respeito ao Reino e Vassallos, mereceu o título de Fideífssimo, dado pelo Oráculo do Vaticano".

Encerraram a série de documentos novos "Imprimatur" (de 04 de maio de 1751) a recomendação de que uma vez impresso volte o sermão à "Mesa para se conferir" e, finalmente, as licenças para que "corra", baixadas pelas autoridades competentes em julho de 1751.

O *Discurso*, aliás, foi reeditado em 1758, entre os vários sermões reunidos no *Jaboatão mystico em correntes sacras dividido*³ também existente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Como, os demais sermões, de Jaboação, dos quais escreve José Honório Rodrigues serem "repletos de citações latinas, sem nenhuma inspiração ou preocupações brasileiras, palavrosos", o *Discurso* tem 52 páginas impressas, e escandaliza o seu tanto José Honório porque "louva o Beato Pardo Gonçalo Garcia, protetor de todos os pardos, natural da Índia, na qual distingue pardos, negros, e morenos, e louva a cor parda como a mais perfeita". 4,303

São Gonçalo Garcia nasceu em Baçaim, na costa do Malabar, ao sul de Goa em ano posterior ao de 1533, que foi o da entrada dos portugueses nessa cidade fortificada do Golfo de Cambaia entre Chaul e Dio, em cuja fortaleza havia quatrocentas peças de artilharia, quando Nuno da Cunha a tomou. 1

Ali foi que dum português não identificado, provavelmente de Guimarães 5,4 e duma mulher indu, proveio o Pardo Gonçalo Garcia, comerciante

mais tarde, quando tomou o hábito de irmão terceiro franciscano e veio a ser um dos 26 mártires do Japão crucificado em Nagasaki no ano de 1597.

Um dos aspectos sociais de Pernambuco no século XVIII era o desprezo hostil que se votava aos mestiços, principalmente os descendentes de negros e brancos, ou fossem os mulatos. Para justificar a entronização do santo mulato, Jaboatão enfrentou e rebateu grande número de preconceitos, tais como os que estavam sendo invocados contra São Gonçalo Garcia. A leitura do Sermão deixará evidentes esses preconceitos raciais.

Mulato pode se dizer que era Gonçalo Garcia, filho de português branco e de mãe negra.

Abstraídas as diferentes sub-raças locais, que caracterizam etnicamente a Índia, os indus de Malabar são por vários autores apontados como os mais negros de toda a Índia. É certo que os indus negros são de cepa diferente da dos negros africanos.

A mãe de Gonçalo Garcia devia ter cabelos levemente crespos, tez azeitonada, e nariz afilado e pequeno, tudo diferente das principais etnias africanas, com exceção dos etíopes. Muitas imagens de São Gonçalo Garcia mostram-no com o cabelo apenas ondulado, e uma delas, a que está no Museu de Arte Sacra de Laranjeiras, Sergipe, tem uma cor de mulato impecavelmente representada.

Como temos em preparação um pequeno estudo sobre São Gonçalo Garcia, reservamos para essa oportunidade a maior parte dos comentários que o texto sugere.

À maneira de toda ciência do tempo de Jaboatão, a "Genealogia" — diríamos hoje a Etnografia — estava cerradamente adstrita ao Velho Testamento. Uma verdadeira ginástica verbal é feita no Sermão em torno dos descendentes de Cam, filho de Noé, especialmente Cuch, seu primogênito, e do qual teriam provindo os etíopes. Jaboatão insiste particularmente nestes últimos, ao tratar das origens dos negros da Índia.

Da erudição com que o frade Capucho trata dessas coisas, vê-se que recorre a um grande número de autores, que seria fastidioso aqui enumerar. Um aspecto, entretanto, que merece realce particular, no que tange às modernas considerações de Gilberto Freyre sobre a "morenidade" do brasileiro, ou de sua metarraca, é o louvor a que chega Frei Jaboatão ao considerar o homem pardo como sendo uma raça superior às demais. Superior a brancos e pretos, é a sua tese, apoiada numa argumentação que se desdobra por muitas das páginas do Sermão, e caprichosamente deduzida de textos bíblicos e profanos, nos quais sua mencionada erudição é levada ao mais alto grau. Trata-se enfim dum autêntico elogio da cor parda, ou do mulato, a propósito de São Gonçalo Garcia.

É este o texto integral do *Discurso*, atualizada a ortografia mas sem qualquer modificação na sintaxe:

**BEATI ERITIS, CUM VOS ODERINT HOMINES, & CUM
SEPARAVERINT VOS, & EXPROBRAVERINT, & EJECERINT
NOMEN VESTRUM TAMQUAM MALUM: GAUDETE IN ILLA
DIE, & EXULTATE. LUC. 6.**

Sendo tantas as ocorrências da festa, não podiam ser menos as palavras do Tema. Servirão de Tema estas palavras para o Sermão; porque é justo, que o Sermão tenha tema, mas a mim; mais me parecem uma ajustada profecia da presente solenidade, e de todas as circunstâncias, que nela occorrem. Dedicam-se hoje estes reverentes cultos, estes custosos aplausos, estes grandes festejos, estes devidos obsequios, e toda esta nova, e grande celebridade ao glorioso, e invicto Mártir São Gonçalo Garcia. Crédito, lustre, honra, e glória, de todos, os que pela sua cor se chamam Pardos. Este é aquele nome, que proferido com outros termos, e tomado em linguagem vulgar, se vos lançava até agora em rosto, quase por desprezo, como com menos política o faziam alguns, sem mais razão, ou só com a sem razão, de não terem os Pardos, um Santo, que canonizasse a vossa cor; mas hoje, que vos aparece um Santo da vossa cor, e já canonizado, já o nome vos não pode servir de desdouro algum, antes sem de muita glória, pois em o Beato Gonçalo Garcia Santo, Santo de vossa cor, vos deparou Deus um Restaurador, ou Redentor das calúnias do vosso Nome.

Este é em suma o objeto todo desta nova, e grande celebridade. Festejar-se aqui um Pardo Santo, que fazendo-se até agora, que era Santo, não se conhecia fosse Pardo; e por este Pardo Santo, verem todos os da sua cor tornado bom aquele nome, que se se supunha até agora como mau. E tudo isto temos misteriosa, e profeticamente incluindo nas palavras, que me serviram de Tema, que são do Evangelho, com que a Igreja declarou por Santo ao Beato Gonçalo Garcia *Beati eritis, cum vos oderint homines, & cum separaverint vos, & exprobraverint, & ejecerint nomen vestrum tamquam malum. . . Gaudete in illa die, & exultate.* Alegrai-vos, dizem as palavras do Evangelho, falando como em Profecia com os Pardos hoje; alegrai-vos: Gaudete. Porque, ainda que, vejais muitas vezes o vosso Nome desprezado, e lançado à parte como mau: *Et efecerint nomen vestrum tamquam malum*, e por este mesmo nome sejais caluniados, e tidos como em ódio pelos homens, e por eles separados até de tudo o que é ação, boa, e virtuosa: *Cum vos oderint homines, & separaverint vos, & exprobraverint*; alegrai-vos; Et exultate; porque lá há de chegar tempo, lá há de vir um dia: *In illa die*, em que por este mesmo Nome caluniado, e desprezado haveis de ser bem-aventurados, haveis de ficar muito gloriosos: *Beati eritis*. Nem as palavras do Evangelho dizem mais, e nem vós tendes experimentado menos.

Quantas calúnias, quantos opróbrios, que de desprezos, e irrisões, não têm ouvido os Pardos sobre a falta, que tinham de Santo da sua cor; atribuindo-se esta falta ao defeito da mesma cor; como se a cor, por accidentes, pudesse ser sujeito de alguma maldade. E com tanto empenho, que por malícia da mesma cor, queriam separar (ao nosso modo de dizer), até da comunicação dos Santos. A alguém ouvi dizer (seria talvez por chiste) que do Beato Gonçalo Garcia uma só cousa duvidava, e era, que fosse Santo sendo Pardo, com os seus ter-

mos vulgares. É verdade, que nesse mundo todos fomos como abelhas de São Pedro (conforme dizem), que pelo que fazem uns, perdem os outros, e alguma abelha má poderá ter havido, que com o veneno da sua malícia infeccionasse aos mais, e o que foi defeito particular de algum ficou sendo contágio universal para todos; mas, como isso não é culpa original, que por força de Decreto hajam de contrair todos, o que cometeu um; ser embora mau o que é mau, desse o Nome ao que obra mau, que aos mais não lhes pode o nome fazer mau se obram bem. E assim com estes falo.

Alegrai-vos uma vez: *Gaudete*, e outra vez, vos alegrai: *Et exultate* porque isto, que até agora passou por vós, é o mesmo, que disse Cristo havia acontecer aos seguidores do seu Evangelho, ou do seu nome. O nome dos seguidores do Evangelho, que é o do crucificado, ou de Cristão, nem era mau, nem continha em si maldade alguma, senão aquela que os contrários do mesmo Nome lhe queriam pôr; e, com tudo os Discípulos do Senhor, eram caluniados, só por terem aquele Nome; e sendo os Discípulos os caluniados, Cristo é o que principalmente vinha a ser ofendido pelo Nome: *Nomen vestrum tam quam malum propter Filium hominis* o mesmo passa em o nosso caso. O Evangelho em comum parece fala com todos os Pardos, mas determinadamente se encaminha ao Beato Gonçalo Garcia; porque ele é o que se achava mais ofendido, quando os Pardos pelo seu nome eram caluniados, pois ao mesmo tempo que o Beato Gonçalo Garcia era Santo, e estava beatificado, o mundo julgava o contrário, e não queria, que sendo Pardo fosse Santo, só porque tinha aquele Nome: *Nomen vestrum tamquam malum*.

Cristo para desenganar aos Escribas, que o seu nome, não continha em si maldade alguma, dizia aos Discípulos, que se alegrassem, por daquele mesmo nome caluniado, e desprezado, lhes haviam resultar todas as suas glórias. Porque aquela partícula: *Cum*, aqui é causal, e quer dizer, que as glórias lhes haviam sobrevir depois da mesma causa donde lhes nasciam então as calúnias: *Cum vos oderint homines, & separaverint vos, & exprobraverint, & ejecerint nomen vestrum tamquam malum*. Eis aqui a causa das calúnias; *Beati eritis*, eis aqui as glórias deduzidas daquela causa. Da mesma sorte, para deixarmos hoje desenganados aos caluniadores deste nome Pardo, que não contém em si maldade alguma o nome, lhes havemos mostrar, que deste mesmo nome caluniado resultam aos pardos todas as suas glórias: *Beati eritis cum vos oderint homines, & cum separaverint vos, & exprobraverint, & ejecerint nomen vestrum tamquam malum. Gaudete in illa die, & exultate*.

Cristo dizia aos Discípulos que haveria ter um dia destes, mas não lhes declarou quando havia de ser este dia; talvez, porque, quis que pelo dia de hoje viéssemos em conhecimento daquele dia. Comumente aocde Deus nas tribulações, quando elas apertam, e apuram mais aos atribulados, e quando nelas se espera menos algum socorro e alívio: nunca os Pardos esperaram menos um Santo da sua cor, do que na presente ocasião; e nunca tanto como agora os apuraram e apertaram mais as tribulações dos caluniadores do seu nome; e por isso, nunca tanto como nesta ocasião se faria neles mais apetecido, um Santo de sua cor. Pois agora, diz o Senhor, agora é tempo, já chegou o dia. Agora sim que cresceram, e chegaram a seu termo as calúnias do vosso nome: *Cum vos oderint*

homines, & ejecerint nomen vestru tanquam malum, agora é o tempo de se publicarem as vossas glórias: *Beati eritis*, já chegou o dia do vosso grande prazer, e gosto: *Gaudete in illa dia & exultate*.

A bem-aventurança, ou glória de que o Senhor aqui fala, não é a do céu, é a da terra, não é a que se goza na Pátria, é a que se pode ter nesse mundo, e aquela glória, aquele prazer, aquele gosto, é aquela alegria, que costuma sobrevir, depois de vencido o trabalho, desfeita a calúnia, e passada a tribulação; é sentido literal do texto: porque tudo o que nele se trata é causa, que havia passar cá no mundo, e entre os homens, donde a glória, que pode haver, não passa de um prazer, e gosto que passa: *Beati eritis, Gaudete & exultate*.

Daqui suponha se está já percebendo, que não venho hoje pregar da bem-aventurança e glória, que o Beato Gonçalo Garcia goza no Céu, como Santo, nem tampouco hei de discurrir sobre a declaração, que o Sumo Pontífice fez da sua Santidade; porque isto não é hoje causa nova, e nem padece dúvida alguma: a declaração, que eu me parece devo fazer hoje, é daquilo, que pode ser e com efeito tem alguma contrariedade, e faz repugnância a alguns, que é a natureza, e cor parda desse Santo.

Esta cor parda é a que eu venho hoje beatificar, ou declarar por bem-aventurada; quero dizer: venho mostrar como o Beato Gonçalo Garcia é pardo por nascimento e descendência, e declarar, que a sua cor parda, não só é também aventurada e ditosa como as mais; mas ainda alguma causa mais. E como isto tudo, há de resultar em glória do nosso Santo, ao menos accidental: *Beati eritis*: e em gosto e prazer de todos os da sua cor *Gaudete, & exultate*: todos me devem ajudar a pedir para o acerto, por intercessão do mesmo Santo, o patrocínio daquela Senhora em cuja casa estamos, que nos não há de faltar, como Mãe, que é de graça.

AVE MARIA.

Assuntos há, que melhor é ouvi-los, que dizê-los, não está também o discorrê-los em conceito próprio, mais conveniente é ouvi-los em discurso alheio. Assim devia muitas vezes ser, não tanto pelo difícil dos assuntos, quanto pela diversidade dos ouvintes; pois não havendo assunto tão inacessível que se não possa penetrar, e ainda dar alguma saída, a dificuldade toda está em deixar satisfeitos aos que ouvem; porque certamente, há gênios de paladar tão desgostosos, que sempre lhes desagrada o alheio, por mais concertado, que vá, talvez só porque é alheio; e só lhes parece bem o próprio, e muitas vezes sem mais tempero, que o ser próprio. Um dos assuntos mais repugnantes, que tem tocado o meu discurso, é o presente; porque entro nele conhecendo, que não tendo tanto de dificultoso pela matéria de que trata, há de ter muito de contrariedade pelo acento, que muitos lhe deram, ou tem já dado.

O que eu posso afirmar é que não trago intento, e nem o tive nunca, de persuadir causas novas, porque só determino mostrar a verdade delas; e esta não ditada pela minha estimação, mas deduzida de vários Autores; da verdade de todos eles há de constar o presente discurso, que não há de ter de meu, mais que a forma, a composição, e ornatos; e ainda que, por força há de começar em narração histórica, não deixará por isso de continuar, e acabar em discurso panegírico atado todo às palavras do Evangelho; entremos nele.

O Beato Gonçalo Garcia nasceu em Baçaim, Cidade do Estado da Índia Oriental Conquista dos sereníssimos Reis Portugueses, nossos Senhores. É Baçaim, além de outras excelências, que dela contam os Historiadores uma das mais nobres cidades da Índia, assim em edifícios, como em moradores; pois apenas, dizem eles, se achará em Portugal, casa, ou família ilustre, que lá não tivesse descendência; por cujo respeito, eram ali tantos os Dons, que até a cidade lhe tocou o seu, pois a chamavam alguns, Dom Baçaim. Suponho, que ao nosso Santo, lhe não coube um forte Dom alguns destes, porque, nenhum dos Escritores, que vi, lho declaram, nem ainda os Nomes de seus pais. Só nos dizem que um era Português, e por consequência branco, e outro natural da terra, e consequentemente negro; esta era a mãe; natural de Baçaim, e aquele o pai, filho de Portugal. Assim o trazem, além dos Escritores da Ordem, o Hagiológio Lusitano, ou Calendário Português do Licenciado Jorge Cardozo, no dia cinco de fevereiro.

Não achamos escrito, nem o dia, nem o ano do seu nascimento; nem tampouco os que teve de idade, só achamos que entrando os Portugueses a tomar posse da Cidade de Baçaim no ano de 1534, e sendo o martírio desse Santo no de 1597, correm neste meio tempo 63 anos, e assim, podemos afirmar certamente, que dos 61, ou 62, não podia passar a sua idade, dado o caso, que nascesse logo no primeiro, ou segundo ano daquela entrada dos Portugueses em Baçaim.

Também não achei coisa particular da sua vida até o Estado de Religioso, por fim; que nela exercitou primeiro o trato da Mercancia, navegando da Índia para a Ilha de Manilha uma das chamadas Filipinas, no mar da China. Nessas Ilhas têm os Religiosos Franciscanos Reformados uma Província intitulada de São Gregório, e em Manilha um Convento, donde Gonçalo Garcia costumava muitas vezes ir, quando se achava na terra com o seu negócio. E, ou afeiçoado aos Religiosos, ou chamado por Deus pediu ali o hábito e fez profissão para Frade Leigo. Também não podemos descobrir o tempo desta Profissão; só achamos, que no ano de 1593, estando por comissário dos Religiosos nas Filipinas o Beato F. Pedro Batista, e sendo enviado Embaixador por Felipe II de Castela, a Faicozame Imperador do Japão, levou consigo por companheiros a dois religiosos mais, e a Fr. Gonçalo Garcia por intérprete, porque, como Mercador, que tinha tratado com aquelas gentes, entendia melhor a língua da terra.

Não só compôs Fr. Pedro os negócios de Espanha com o Japão como Embaixador, mas também como Missionário (para cujo emprego levava breve do Papa Clemente VIII), alcançou licença do Imperador para pregar a Fé àqueles Gentios, como com efeito o fez, converteu a muitos, edificou Conventos e Hospitais; e passadas nestas, e em semelhantes obras mais de três anos, movido o Imperador, por um Médico seu, e alguns Sacerdotes dos Idosos contra os Religiosos, foram presos Todos, que eram em número seis, com quinze terceiros, e três seculares mais, naturais todos do Japão; e sentenciados à morte na Cidade de Meaco, depois de quase dois meses de cárcere, e cortada a cada um a orelha esquerda, e levados a correr as ruas açoitados áspera e afrontosamente com as mãos atrás; dali os conduziram atropelados, e em tempo de inverno por mais de cem léguas de caminho à Cidade de Nagasáqui, donde os crucificaram, trespassando com duas lanças a cada um. Estando já na sua cruz o Beato Gon-

çalo Garcia, e tocando-lhe por sorte o ficar no meio daquele triunfante exército, era, o que as vozes pregava a todo aquele povo assim Cristãos como Gentílicos; a estes advertindo-lhes os erros em que ficavam, e áqueles, admoestando-os à perseverança da fé; e ao tempo, que o trespassaram com aquelas lanças, foram estas as últimas palavras, que proferiu: " Senhor havei misericórdia de mim" Também se acha, que no tempo, em que estive no Japão o Beato Gonçalo Garcia, escrevera várias Epístolas áqueles Cristãos, que andavam espalhados por aquelas Ilhas, cheias de fervor, e zelo do seu abrasado espírito, por cuja causa, o Padre Salmantino o põem em o número dos Escritores no 2o. Tomo da sua Biblioteca Germânica Franciscana na letra G. Foi o mártirio deste Santo a cinco de fevereiro, do ano de 1597, e daí a trinta anos, no de 1627, foram declarados todos verdadeiros mártires por Bula do Sumo Pontífice Urbano VIII no quinto ano de seu Pontificado. Consta todo o referido do Breviário, e Martiriolégio Seráficos, Hagiolégio Lusitano com mais de trinta Autores, lá apontados.

Do que fica dito, já sei, que o que só se duvida agora, é da cor do Mártir do Beato Gonçalo Garcia; porque dizendo os Escritores todos, que era natural de Baçaim, se acrescenta agora, que era da cor preta, e talvez dirão que só a fim de fazermos Pardo ao Beato Gonçalo Garcia, como descendente de preto, e branco. Como este é o ponto principal, e todo o tropeço do nosso discurso, para procedermos nele com a clareza necessária, e distinção possível havemos definir primeiro, que coisa seja Pardo, não só neste sentido, mas também no comum, e vulgar do Povo.

Pardo em termos vulgares, diz o Padre Dom Rafael Bluteau no seu Vocabulário da Língua Portuguesa na letra M. Mulato é aquele que é filho de branco e negro; Pardo, assim como nós o proferimos, diz o mesmo Autor, na letra P; é aquele que nem é branco, nem é negro, mas participa destas cores ambas; e Misto vem a ser o mesmo que Pardo, porque é uma cor meio, que participa de ambas as cores, preta e branca; diz o sobredito Bluteau na letra M.

Que o Beato Gonçalo Garcia seja Pardo por todos estes princípios, que participasse, da cor preta, e branca; em quanto a esta não há dúvida, porque sem contradição dizem todos, que o pai era Português, que participasse da cor preta, por parte da mãe é a maior dificuldade. Sabemos, certamente, que era ela natural de Baçaim, mas também sei, que muitos duvidam, qual seja a cor dos seus naturais. E assim digo, que a cor dos naturais de Baçaim, como de todos os demais da Índia, é a cor preta, e negra; porque são todos negros, e pretos. Para assentarmos por indubitável esta proposição, havemos referir o que dos naturais daquelas terras, e da cor deles, dizem os Escritores; e para isto tudo se perceber melhor havemos fazer um abreviado mapa do que chamamos Índia, especialmente desta de que falamos, seus termos, costas, e divisões.

Dividem os Escritores e Geógrafos a tudo o que se chama Índia em três partes; e deixando a primeira, que chamam Índia Maior, terra firme, ou Império do Mongol, e a terceira, que é uma Península mais Oriental, a segunda que é a de que falamos, é outra Península, a que chamam Ocidental. Começa esta Península, ou ponta de terra com 230 léguas de largo, entre as desembocaduras dos dois famosos rios, o Ganges, que fica para a parte do Oriente, e o Indo, para a parte do Ocidente, e fazendo costa por uma, e outra parte vai igualmente es-

treitando até acabar, com 280 léguas em um cabo, ou ponta, que chamam de Camorim. Corre direita de norte para o sul, ficando-lhe para o sul o cabo, e o golfo para o norte. E deixando as costas que correm pela parte do Oriente, e discorrendo pelos que ficam cá da parte do Ocidente, um dos primeiros lugares começado do norte para o sul, é a cidade de Baçaim, com 16 léguas de costa; daqui passados alguns lugares de menos nota, entra o distrito de Goa, que é uma Ilha ao longo da terra com pouco mais de três léguas.

Dos confins de Goa entra o que chamam Reino de Malabar, e Costa da Pescaria, por quase duzentas léguas até o Cabo de Camorim. E que os naturais de toda esta Índia sejam negros, e de cor preta, o dizem comumente todos os Escritores. *Monsieur* de Chevigni Francês, nos seus livros intitulados, Ciência para as Personas de Corte, Espada, e Toga, na tábua, ou mapa de Índia Maior, ou Império do Mongol, falando dos seus naturais, que são os que confinam com os da nossa Índia, diz estas palavras: *Son morenos, pero no tanto como los de las otras costas de la Península Occidental, em cuja comparacion, estos del Mogol se llaman blancos.*

Duas causas temos aqui que notar. A primeira é, que Mogol, na língua daquela gente, quer dizer branco, e por isso aqueles por se terem por brancos se chamam Mogóis. A segunda é, que a estes, que lá se tem por brancos chama este Autor, e outros muitos, Morenos. E se quisermos saber, que cor é esta de Moreno, dirá o Vocabulário português, que Moreno é aquele, que tem a cor escura, e quase negra, que em latim é *Sub Niger*: tão bem se deve aqui advertir, que estes Morenos, que são quase negros, são os que lá chamam brancos, e isto a respeito dos da nossa Índia, que ainda são mais negros. Agora quisera, me respondessem sem paixão; Para um Moreno destes, que é quase negro se chamar branco a respeito de outro, que é mais negro, que cor há de ser a deste mais negro? É sem dúvida, que há de ser negro, e muito negro. Pois esta era a cor da mãe do Beato Gonçalo Garcia, natural da Cidade de Baçaim lugar principal da costa da nossa Índia.

Dom Francisco Giustiniani no seu Atlas abreviado no Mapa da nossa Índia descrevendo-a diz assim:

Está situada entre los sete y 22 grados de longitud Septentrional, por cuya causa el ayre es estremadamente quete, y sus naturales mäs negros, que los del Indostan, ou Mogol.

Os do Mogol são Morenos, e quase negros, os da nossa Índia são ainda mais negros, bem se deixa ver, que são negros, e muito negros, Dom Francisco de la Torre, no seu Athlante Peregrino, Vida do grande Padre S. Francisco Xavier, falando da entrada, que este Apóstolo das Índias fez na Cidade de Goa, e descrevendo os seus naturais, diz estas poucas, e elegantes palavras: *Son Negros, por ser blanco a los tiros del sol.* O autor do Oriente conquistado na 1. p. a folha 100 diz, que no Seminário de Goa, se criavam noventa meninos entre brancos e pretos; esses pretos são os naturais da terra.

De Goa para diante entra o que chamam Reino de Malabar, por quase 200 léguas até o cabo de Camorim; e todos estes Malabares, dizem geralmente os Escritores, todos são negros, e os mais negros de toda a Índia. Seja o primeiro o nosso Homero Português, pois foi não só dos primeiros, que os descreveu, mas

como que escrevia pelo que tinha visto. Fala ele na oitava 93 do Canto 8 das suas *Lusíadas*, de um catual, que é dos primeiros Ministros do Rei de Calecut, o qual teve como preso, ou retido, dia e meio, ao grande Vasco da Gama, e diz assim: *Concertam-se, que o Negro mande dar*: Negro, diz, que era este Malabar, e pessoa principal daquele Reino. Por negros os trata também a todos estes Malabares o P. Alonso de Sandoval, em várias partes do seu tratado *De instauranda Aethiopiae Salute*, com vários Autores por ele citados, baste por todos a Autoridade do mesmo Apóstolo das Índias S. Francisco Xavier, em o Cap. de sua carta, que este Santo escreveu da Cidade de Cochim ao seu glorioso Patriarca S. Ignácio em 15 de janeiro de 1544, vão as palavras do Santo falando dos Naturais do Malabar:

Também perguntaram se Deus era branco, ou negro, pela diferença de cores, que viram nos homens, e porque aqui todos são negros.

São palavras de São Francisco Xavier. E de caminho se deve aqui advertir, que destes negros da Índia, e não dos da África é, que se diz, que estimam tanto a sua cor preta, que até aos seus ídolos, e Deuses pintam negros. E se os naturais da Índia, e de todas as suas costas são negros todos, e todos da cor preta, desta cor há de ser também a mãe do Beato Gonçalo Garcia, pois, é natural de Baçaim, cidade principal da costa da Índia.

Do que fica dito já podíamos concluir que o Beato Gonçalo Garcia é Pardo legítimo por natureza, e descendência; pois participa por uma parte da cor branca, e da preta pela outra. Mas, porque me parece, ouvir dizer a alguém, que o Pardo para se ter por legítimo, não só há de descender de negro, mas de tal negro, que além da cor preta, há de ter de mais duas propriedades, uma, que há de ter o cabelo retorcido, ou demasiadamente crespo, a outra que se há de poder chamar Etíope, isto é, que há de ser natural da Etiópia. Os da Índia dizem estes duvidosos, nem são Etíopes, nem têm o cabelo retorcido, logo, ainda, que tenham a cor preta, nem por isto se devem ter própria, e rigorosamente por negros, e assim o Beato Gonçalo Garcia, ainda, que descenda de um destes da Índia, da cor preta, nem por isto se pode dizer, que, é Pardo com propriedade.

A isto se responde que esta dúvida só vem a fazer nos mais dilatado este discurso e a obrigar-nos a mostrar com maiores razões como os naturais da Índia são própria e rigorosamente negros; não só pela cor preta, mas pelos mesmos princípios que querem os duvidosos. E assim digo, que a sua dúvida não tem força alguma, porque se funda em princípios falsos. O primeiro, é supor que os cabelos retorcidos, ou demasiadamente crespos não de tal sorte conaturais a Todos os negros, que não haja negros, naturais sem cabelos retorcidos, o que é falso, porque os há.

Em Moçambique pela terra adentro, diz Fr. João dos Santos na sua *Etiópia Oriental*, citado pelo Padre Sandoval (Sandoval livro 1. Cap. 2 folha 15. *Ibid* cap. 8 folha 29.) é uma nação de Etíopes, a que chamam Machacatos, e habitam nas Cidades de Brava, e Magadacho, os quais, dizem estes Autores, são negros como azeviche, e têm os cabelos lisos, e corredijs e nem por isto deixam de ser negros, são Etíopes verdadeiros. E nas Índias, nas Ilhas Filipinas, e Molucas, diz o mesmo Sandoval há negros com os cabelos tão engrenhados, e retorcidos, como os de Guiné, e mais não são naturais da África, ou Etiópia. Donde se segue,

que os cabelos retorcidos não são de tal sorte conaturais a Todos os negros, que se não achem negros naturais sem cabelos retorcidos; e assim os da Índia; ainda que não tenham Todos, e de todo o cabelo retorcido, não deixem por isto de ser rigorosamente negros. Ouçamos aqui umas palavras de Herodoto, que traz o Padre Vieira na sua História do futuro, tocando, ainda que a outros intentos, este mesmo ponto; e ficará mais evidente, o que fâmos dizendo. *Hi Ethiopes, qui sunt ab ortu Solis sub Pharnarzatre censebantur cum Indis Specie nibil admodum caleris differentes, sed sono vocis duntaxat at que capillatura; nam A Ethiopes, qui ab ortu solis sunt per mixtos crines; qui ex Africa crespissimos inter homines habent.* Não se podia dizer, nem mais, nem melhor para o intento. Diz que na Índia, que é parte da Ásia, também há negros, ou Etíopes, assim como na África; e que só se distinguem uns dos outros, no som da voz, e nos cabelos; porque os da Ásia, ou da Índia, têm o cabelo entre crespo, e solto; e os da África muito crespo e retorcido; e assim fica bastantemente claro, e entendido, que os da Índia ainda que não tenham todos e nem de todo o cabelo retorcido, nem por isto deixam de ser rigorosamente negros.

A segunda suposição, que fazem os duvidosos, é entenderem que os Negros se chamam Etíopes, por serem naturais da Etiópia, e daqui se segue também terem para si, que a Etiópia é a que deu aos Negros o nome de Etíopes, o que tudo é erro. Porque devem saber, que os Negros se chamam Etíopes pela mesma razão de serem Negros, e como Negros, ou Etíopes, eles foram os que deram o nome à Etiópia. Plínio diz que a Etiópia se chamou assim, de um filho de Vulcano chamado Etíope, que reinou na África muitos anos; e já por aqui se vê, que em etíope foi o que deu nome à Etiópia. Melhor o diremos com a Sagrada Escritura, e Santos Padres. Assentam todos, que os primeiros habitadores da Etiópia foram os Negros descendentes de Cuch filho de Cam. Cam quer dizer Negro, ou negrura: *Cham id est, nigrudo, seu niger*, e negro na língua Hebréa, é o mesmo, que Etíope na Latina; porque os Hebreus chamam Etíope ao que tem a cor negra, e preta: *Niger id est Ethiops*. São Jerônimo, Josepho, Isidoro, o Tostado com os setenta Intérpretes diz Alapide, afirmam que aquela parte da África, que estes descendentes de Cam Cuch, povoaram, se chama Etiópia ou Chufia, porque estes fundadores se chamam Chufios, ou Etíopes. Etíopes porque eram negros e pretos na cor; e Chufios como filhos, e descendentes de Chus: *Filii aut Cham* diz o Sagrado texto; Chus, acrescenta Alapide; (Alapide in Gen. c.10 v.6) *ab hoc orti sunt Ethiopes qui hinc se sua lingua Chufius Vocât; Chus enim filius Cham, qui nomen dedit Ethiopie*, (Id. in Soph. c-3 v.10) diz o mesmo Alapide em outro lugar.

Daqui se vê, claramente, que os Etíopes foram os que deram o nome à Etiópia, e não a Etiópia aos Etíopes, e que os Negros se chamam Etíopes não por serem da Etiópia, se não porque, são pretos, e negros na cor: *Niger, id est Ethiops, Chus, qui nomen dedit Etihopiae*. E por estas razões, conclui o Padre Sandoval: convém chamemos a Todas as nações de cor negra, Etíopes; e assim este Autor falando de várias nações de negros, que diz há não só na Etiópia em África, mas na Ásia, na Arábia, na Índia, e na nossa América (Sandoval lib. I cao I folha 3 & seg.) donde diz há também nações de negros, a todos chama Etíopes. E se o negro para ser próprio, e rigorosamente negro, nem é necessá-

rio, que seja natural da Etiópia, e nem que tenha cabelos retorcidos, porque basta só, que seja preto na cor, para se chamar com propriedade negro; os naturais da Índia, ainda que o não sejam da Etiópia, e nem tenham Todos os cabelos retorcidos, são negros naturais, e Etíopes verdadeiros, porque têm, o que lhe basta para isto, que é serem pretos na cor; e por consequência o Beato Gonçalo Garcia, porque descendente de um preto destes com branco, é Pardo legítimo por natureza.

Mas; porque desejo nesta parte deixar de todo satisfeitos a estes duvidosos, digo mais; a mãe do Beato Gonçalo Garcia, como todos os demais da Índia não só são Etíopes legítimos por serem pretos na cor, mas também são Etíopes Verdadeiros, porque são também naturais da Etiópia.

Para, o que devem saber, que a primeira parte do mundo, que teve o nome de Etiópia foi a Índia Oriental. Assim o disseram S. Epifânio, e Anastácio Nicesteno citados pelo Doutor Solorzano no seu primeiro Tomo do *Jure Indiarum a fol 6, § 50*, falando desta Índia Oriental, de que nós agora com ele também falamos:

Totam hanc Indiam Orientalem de qualoquimur, magnam Ethiopiam appellant, & satis apposite. Notem bem estes termos: *Satis apposite*: Que querem dizer, que os que chamam à Índia Oriental Etiópia o fazem com muita propriedade, e acerto:

Satis apposite.

E se isto parecer muito, muito mais há de parecer, se nós dissermos mais, e é o que se vai seguindo; que a Índia Oriental é aquela Etiópia dos Antigos tão celebrada nas Divinas letras, da qual diz o Profeta David, foi a primeira, que as mais partes do mundo no conhecimento de Deus feito homem: *Ethiopia perveniet manus ejus Deo: id est prima veniet*, acrescentam os Sagrados Expositores. Pois saibam que esta Etiópia, que dizia David havia ser a primeira no conhecimento de Deus feito homem, é a Índia Oriental. Assim o traz o Padre Lebranc sobre o *Vers. 11 do Salmo 72. Et adorabunt cum onines Reges terrae*, acarretando para aqui o versículo falado: *Ethiopia praevenit manus ejus Deo*, e justamente o v. 10 do cap. 3 de Sofonias: *Ultra flumina Ethiopiae*, donde diz, que por esta Etiópia, entendem Arias, Vocábulo e o Caldeo a Índia: Arias, *Votablus*, & *Chaldeus intelligent ibi Indiam*. E mais largamente o tinha já escrito antes o P. Alapide| sobre este mesmo vers. de Sofônias; donde diz, que o Caldeo em lugar do vers. *Ultra flumina Ethiopiae*, poem *Ultra fluvios Indiae*, e que estes Autores Todos juntos com a Castro, de tal sorte entendem por esta Etiópia da Escritura a Índia Oriental, que a estendem até o Japão, e a China: *Alii*, diz Alapide, *Quibus favet à Castro putant hic notari Indiam Orientalem, usque ad Japoniam, & Chinam*; Não se podia estender mais, porque não havia mais para onde estender. E daqui se ficará também entendendo, que o primeiro Etíope, ou negro, que por esta Índia Oriental, ou grande Etiópia rendeu vassalagem a Deus feito homem, foi Gaspar terceiro Rei dos Magos, que duvidando-se muitos séculos donde fosse, depois que os nossos Portugueses entraram na Índia se sabe certamente era seu natural, e Rei de Crangranor na costa do Malabar.

E se acharem isto muito, muito mais acharão ainda se nos formos dizendo, porque assim se vai seguindo, que primeiro houve negros na Índia, do que os

houvesse na África, e que da Índia é, que vieram os primeiros negros para a África.

Assim o traz o Padre Leblanc no lugar já citado pouco adiante vão as suas palavras: *Adde quod Ethiopes Filius Chus quidam Velint olim ad Indim: flumen habitasse, relictisque, sedibus suis Juxta Egyptum confedissee inter Nilum, & Oceanum supra Heliopolim, & inde paulatim ad interiora Africae penetrasse.*

Quer dizer que os Etíopes, ou negros filhos, ou descendentes de Cuch saindo de suas pátrias fizeram a sua primeira habitação na Índia às margens do seu rio, e saindo daqui se partiram para o Egito, e fizeram o seu assento entre o rio Nilo, e o mar oceano sobre a cidade de Heliópolis, e daqui pouco a pouco se foram espalhando por toda a África. Não cita este Padre Autores, talvez por julgar ser opinião provável; mas o Doutor Solorzano achamos, os que bastam para a probabilidade desta opinião; foi o primeiro, que a escreveu, ou dos primeiros Herodoto, e depois dele Eusébio, e Torquemada, concordando, em que esta passagem dos Negros da Índia para a África, ou Egito aconteceu no ano da criação do mundo de 3.580. *Juxta hanc a Egipti Assiaticam partem a Ethiopes ab Indo flumine Consurgentes, consedissee, anno mundi 3.580, ut post Herodotum tradidit Eusebius, & Torquemada (solau, ib 5 48).*

E se conforme a vontade dos duvidosos Pardo legítimo, é aquele só, que é descendente de branco, e negro, e tal negro, que se possa dizer, que é Etíope, ou natural da Etiópia; sendo a primeira Etiópia, que houve no mundo a Índia e sendo os seus naturais sempre Etíopes, ou negros desde o seu princípio, bem dizia eu, que vos havia mostrar hoje como o Beato Gonçalo Garcia é Pardo legítimo por natureza, e descendência, pois é descendente de um Português branco, e de uma Etíope, natural de Baçaim, na Índia, que foi a primeira Etiópia dos antigos: *Totam hanc Indiam Orientalem magnam A Ethiopiam appellant; & satis apposite.*

Suposto está bastantemente provado, que os naturais da Índia são negros; e Etíopes, não só pela cor preta, mas também pela natureza, como descendente de Cuch, filho de Cam, como me podem ainda alegar, que dado caso, que assim fosse naqueles princípios hoje já não é assim, porque ainda, que pela costa de Malabar, cabo de Camorim, e outros lugares hajam ainda destes negros, como também na Ilha de Ceilão, e outras muitas das Molucas, e Filipinas, com tudo dos Confins do Malabar, correndo a costa de Goa até Baçaim, e para diante consta de pessoas, que por elas têm andado, que os seus naturais hoje, e já no tempo, que os Portugueses que entraram na Índia não eram absolutamente negros, e pretos, mas trigueiros, baços ou morenos, que assim os tratam também alguns Escriitores; e vulgarmente lhes chamam alguns Cafres, ou Canarins, e não Negros. E assim parece, que de balde tem trabalhado o nosso discurso, em querer fazer aos da Índia todos Negros. Ouçam a resposta, que poderá ser fiquemos ainda melhor.

Digo pois, que estes baços, ou morenos, que não são absolutamente pretos, senão devem chamar Cafres, ou Canarins, porque isto é erro do vulgo. Canarim, conforme aos mesmos naturais da Índia, quer dizer, o que é natural de Canará que é uma Província, ou Reino, que fica entre os confins de Goa, é princípios do Malabar pela terra adentro, cuja cidade principal se chama Canará. Vejam

ao Padre Bluteau no seu Vocabulário. Também se não devem chamar Cafres os naturais da Índia, porque, conforme ao mesmo Bluteau, Cafre, vem da palavra, Árábica: Cafir, que quer dizer, *homem sem lei*, e este nome Cafre se dá somente pelos Escritores a uma nação de negros, que habita na costa da África pelo Cabo da Boa Esperança até quase Moçambique, chamada Cafraria, ou Província, e Reino do *Monomotapa*; e daqui vem que os naturais da Índia, quando lá aparece algum negro da África, a estes é que chamam Cafres, porque os da Índia se tem ainda por mais negros, do que os próprios da África.

Também é necessário advertir aqui e alguém, que ouvindo dizer, que o Beato Gonçalo Garcia era índio, entendeu, seria algum Indivíduo dos Tapuias da nossa América; porque a estes chamam também índios, ainda que com pouca propriedade, porque como nota certo Escritor, impropriamente se chamam Índias as terras da América; porque Índias somente se entendem as Orientais, (Correa sobre a it. 2 do Cant. 1 de Cam. 8 ult.) ditas assim em razão do rio Indo, que as rega, e parece não podem ser muito congruência entre si estas duas partes da terra, sendo tão diferente uma da outra, quando vai do Oriente ao Ocidente. Do princípio ao fim do mundo. E sendo os naturais de ambas tão diferentes em tudo, que até o são nas cores, os da América Vermelhos, e os da Índia negros.

E se me perguntarem o como devemos chamar a estes da Índia, que não são totalmente negros, mas baços, ou morenos digo que os havemos chamar mistos, pardos, ou mulatos, porque está em termos Portuguezes é a cor dos baços ou morenos da Índia. Também temos Autores, que assim o escrevem. O nosso Homero Português na oitava 100, do Canto 10, falandô das Arábias, e descrevendo os seus naturais, diz assim: *Olha as Arábias três, que tanta terra Tomam todas da gente vaga, e baça*; Manuel de Faria, e Sousa, explicando esta cor baça, ou morena dos naturais da Arábias, diz: *Quiere dizer, que la gente dessas partes, es de color ni blanca, ni negra, que en Portugal lhamamos Pardo, ó Mulato, porque se lhamam mulatos los hijos de negro, y blanco*. Daqui devemos notar mais, que a cor morena, ou baça, não é outra mais, que a mista, ou parda; e parda legítima, porque diz este Autor, ou dá entender, que assim a parda, como a morena de cor mista, que procede de branco, e preto. Melhor o diremos ainda com Autores, que falam determinadamente dos baços, ou morenos da Índia.

O Sandoval já alegado aqui tantas vezes no lib. 4 cap. 3 pag. 11. falando da estimação que a Sagrada Companhia de Jesus fez de ser nomeada pelos Sumos Pontífices, e Reis de Portugal para o emprego da conversão dos negros da Índia, diz estas palavras: *Estimo-lo tanto, que senalo para el, y para la Mission de la India Oriental, cuyos naturales (reparem aqui) son Todos, ó negros; ó mulatos, como lo dizem graves Authores*. E no mesmo lib. 4 cap. 7 pag. 44 falando dos naturais das Mulucas; torna a dizer: *Y que estos sean negros, deixando parte lo que dizem los que escriven las cosas de la India Oriental, que sus Naturales Todos, o son negros, o mulatos* (Horat. Truxechain lib. 2 cap. 1 Franc Martin p. 39 Luceu 1. 1. C II.) Eis aqui, temos com toda a clareza como a cor, morena dos naturais da Índia, não é outra mais que a Parda, de que falamos, e Pardo legítima, porque aqueles Morenos da Índia vêm por descendência direta da cor bran-

ca com a preta. E se quiserem averiguar esta razão, é deduzida, do que da Índia, e dos seus naturais, dizem os Autores, que deixamos referido.

Dizem que a Índia é aquela grande, e primeira Etiópia dos Antigos; dizem, que os Etíopes, ou Negros, primeiro habitaram na Índia, e depois se passaram para a África; e o que daqui se segue é, que os da Índia, que não forem negros, hão de ser pardos, ou mulatos legítimos por descendência.

E a razão é concludente. Porque ainda que da Índia vieram os primeiros negros para a África, não era possível passassem todos, de tal sorte que não ficassem muitos, e a maior parte deles; porque, além de estarem espalhados pelas três Índias e muitas Ilhas, os que falam nesta retirada, só dizem, que passaram para África, os que habitavam as margens do rio Indo. *Ab Indo flumine consurgentes*, que é donde tem princípio as Índias. Também é provável, que com a saída dos negros do rio Indo para a África, haviam ser povoadas aquelas ribeiras de gentes estrangeiras, e brancas, estas haviam entrar pelas Índias adentro, e comunicando-se com os mais negros, que ficaram, daqui resultou aquele misto, ou terceira espécie, que alguns Escriitores chamam morenos, outros, baços, e outros com mais propriedade dizem pardos, ou mulatos, como descendentes de preto, com branco.

E é tão natural este discurso, que os que habitam mais para a terra adentro, e da Península, e costas da nossa Índia, que correm para o sul, e Cabo de Camorim. Ilha de Ceilão, e outras mais, que lhe não era tão fácil a comunicação como aquela gente branca, que entrou pelo rio Indo, são ainda hoje, tão negros, e pretos, como dantes o eram; e os que ficavam para as margens do Indo, e terra intermédia, como os do Mogol, e alguns da nossa Índia, que podiam mais facilmente comunicar-se com aquela gente branca estrangeira, estes são os que hoje chamam morenos, baços, pardos, ou mulatos, como misturados de negro, e branco. E este é o fundamento todo, com que dizem estes Autores, que os naturais da Índia, são todos, ou negros, ou mulatos; mulatos os que procedem daqueles negros, que se misturaram com brancos, e negros os que não entram naquela mistura.

E quem haverá ainda tão cativo da sua vontade, que vendo o que dizem estes Autores, possa duvidar mais, que o Beato Gonçalo Garcia, como natural que é da Índia, seja pardo, legítimo por natureza, e descendência?

Até agora podia-se ser por um só princípio; agora já o pode ser por dois; até agora, podia ser pardo sendo os naturais da Índia todos, e somente, negros, e sendo ele descendente de um destes com branco: agora já o pode ser também, sendo os naturais da Índia, que não forem negros, mulatos, ou pardos; pardo, e mulato, há de ser também o Beato Gonçalo Garcia; pois o que descende de mulato, ou pardo com branco, é pardo, e mulato.

E fiquemos nisto; ou me hão de conceder, que os naturais da Índia são Todos negros, ou que são negros, e juntamente mulatos outros; e de qualquer sorte, que seja, sempre o Beato Gonçalo Garcia fica sendo mulato legítimo, como descendente de negro, e branco.

Assentado assim com tão sólidos fundamentos, que o Santo Gonçalo Garcia é Pardo legítimo por nascimento, e descendência, é tempo já de beatificarmos a sua cor, e declaramos, que é também bem-aventurada, e ditosa como as mais, e mais ainda.

As cores, que têm, e teve sempre opostas à sua cor parda, foram a branca, e a preta, o que tem feito ditosas, e bem-aventuradas estas duas cores, foram os povos, e Nações, de que cada uma delas tem sido princípio e origem; os Príncipes, Reis e Monarcas, que dominaram estes povos, as Pessoas grandes; e assinaladas em todos os estados, e Hierarquias, e porque assim a cor branca, como a preta tenham para si, que tudo isto faltava na cor parda, este era o motivo de a terem por menos ditosa, e bem-aventurada. Mas enganava-se certamente assim a cor branca, como a preta, porque a cor parda em tudo isto tem sido, não só também bem-aventurada, e ditosa como elas, mas ainda alguma cousa mais.

A cor parda também tem sido princípio, tronco, e origem de povos, e nações inteiras. Todos sabem que os Ismaelitas, Agarenos, ou Mauritanos são descendentes de Ismael. E também devem saber, que desta nação está tão, cheio o mundo, que ela só ocupa toda a Ásia, maior parte da África, e muita da Europa, sendo quase assentado, que esta só gente excede em número, e multidão aos da cor branca, e preta.

Vendo-se assim cumprida nela aquela promessa, que repetidas vezes fez Deus a Abraão sobre Ismael, que tal sorte multiplicaria a sua descendência, que dele nasceriam doze Capitães, e se faria daqui num povo tão grande, que se não poderia numerar: *Super Ismael quoque exaudivi te; multiplicabo eum valde. Duodecim Duces generabit, & faciem eum in gentem magnam.* (Gen. 13-20.) Disse Deus uma vez; e outra disse: *Multiplecans multiplicabe femem tuam . . . & nom numor abitur prae multitudine.* (Gen. 16.20.) }

E quem era este Ismael? Ismael era um homem de cor Parda, e Pardo legítimo, porque era filho de Abraão que era branco, e de Agar sua escrava, a qual era preta, e negra por nascimento, porque era natural do Egito, como dizia Sara falando com Abraão sobre Agar: *Habens ancillam Egyptiam nomine Agar.* (Gen. 16.1) E que os Egípcios, por natureza, e descendência sejam negros, é opinião comum dos Sagrados. Expositores; porque dizem, que os primeiros habitantes do Egito foi Mefraim com seus descendentes, e por esta causa, o Egito na língua Hebréa, se chama Mefraim, e ainda hoje os Árabes, e Turcos, chamam ao Egito Mefra; e Mefraim, consta do Sagrado texto era negro, porque era filho segundo de Cãm.

Filii aut Cham, Chus, & Mefraim, diz o texto, e acrescenta Alapide: *Mefraim, ab habitata, & propagata est Egyptus, quae inde Hebraice Mefraim vocatur, & etiam nunc ab Arabibus, & Turcibus vocatur Mefra.* (Gen. 10.6.) E aqui temos Ismael Pardo legítimo, como descendente por uma parte de branco, por Abraão, e pela outra de negro por Agar. E por aqui temos a cor parda, não só tão bem-aventurada, e ditosa, como a preta e a branca, pois como elas tem sido tronco, e origem de Povos, e Nações inteiras, mas ainda mais, pois esta só gente Parda por Ismael, excede em multidão a branca, e a preta.

A outra dita, e bem-aventurança da cor branca, e negra, consiste nos Reis, Príncipes, e Monarcas, que cada uma teve e tem nestas gentes, que delas procederam.

Também, por aqui a cor parda é tão ditosa, e bem-aventurada como elas, e ainda mais. Tanto; porque a cor Parda, nesse Povo, que dela saiu tem tido muitos, e muitos Reis; e só Ismael, consta do Sagrado texto, teve doze filhos,

nomeados aí por Capitães, e Príncipes: *Duodecim Duces generabit: Duodecim Principes tribuum suarum*, e diz Josefo que todos estes foram Reis, porque saindo Ismael com sua mãe Agar desterrado da casa de Abraão seu pai, viera ter ao Deserto de Farã, como consta do texto, e casando aí, com uma mulher natural do Egito; *Habitavitque in deserto Pharàn, & accepit illi mater sua uxorem de terra Egypti*, (Gen. 31. v. 21.) e desta teve aqueles doze filhos, os quais espalhados por toda a África, foram nela Reis, e dominaram várias províncias; e daqui se tem espalhado por quase todo o mundo; (Josef. lib. 1. cap. 21 de Antiq.) com o nome de Ismaelitas por Ismael, Agarenos por Agar, e Mauritanos da palavra Grega Maurou, que quer dizer, causa quase negra, e queimada, por eles serem desta cor. E por estes Reis e outros muitos, que tem tido a cor Parda, é tão bem-aventurada, e ditosa como a preta, e a branca, e ainda mais, porque os primeiros Reis, Príncipes, e Monarcas, que houve no mundo assim entre os da cor branca, como da preta, foram da cor parda; parece-me, que o hei de mostrar, nenhum com certeza, outro com probabilidade.

Da criação do mundo até o tempo do dilúvio, na computação do Alapide, correram 1656 anos. (Alap. sup. Gen. cap. 5 v. 3.); e em todo este tempo, não consta do Sagrado texto, ou de Autor algum houvesse filho, ou descendente de Adão, que dominasse na terra com título de Rei, e Senhor absoluto; porque cada um governava a sua família como Pai, e cabeça dela; veio o dilúvio, e ainda se passavam 170 anos sem que no mundo se ouvisse o nome de Rei; mas neste mesmo ano, estando já Noé com todos os seus filhos retirados para o campo de Senaar, entre o rio Tigre, e Eufrates, para onde vieram no ano de 131 depois do dilúvio, e tendo dado princípio à fundação da Cidade de Babilônia, e Torre de Babel, Neurod, principal agente de toda esta máquina, começou a mostrar-se poderoso na terra, a dominar aquele Povo, e a fazer-se senhor dele, até que no ano 184 do dilúvio, estava reconhecido, e adorado, de todos como Príncipe, Rei, e Monarca absoluto; *Neurod, ipse caspit este potehs in terra: fuit Babilon principium Regni ejus*: (Alap. sup. c 10): diz o texto, e o Alapide diz: *Prinus o in orbe Princeps, & Rex fuit Neurod*. E quem era Neurod? Neurod era um homem de cor Parda. Assim, o podemos tratar com boa probabilidade, porque Neurod era filho sexto de Chus: *Porro Chus genuit Neurod*, (Gen. 10) e já por aqui temos a Neurod com uma parte de preto por seu Pai; e que tivesse outra parte de branco por sua Mãe, provavelmente se pode afirmar; porque, ainda que não achamos quem fosse a mulher de Chus, e mãe de Neurod podemos discurrir era de cor branca, e descendente dos dois Irmãos de Cam, que eram Sem, ou Jafet; porque Chus, como filho primeiro de Cam, e o primeiro, que por castigo do Pai saiu da cor preta, não podia com o primeiro, ter outra da sua cor com quem casar; porque para ser de sua cor, não podia ser senão filha do mesmo Cam, e irmã de Chus; e não consta do texto, e nem de Autor algum, que tenhamos notícia, que houvesse esta irmã de Chus, ou filha de Cam, e nem dado caso, que a houvesse, podíamos afirmar, que Chus tomasse por mulher uma sua irmã, em tempo que havia mulheres de outra geração mais remota, como eram as de Sem, e Jafet de cor branca; provavelmente podemos dizer, que Neurod, porque, por uma parte participava da cor preta por seu pai e pela outra da branca por sua mãe, era um homem da cor parda, e este o primeiro Príncipe, Rei e Monarca,

que houvesse no mundo, assim entre os da cor preta, como da branca, que todos se achavam ali juntos, porque isto tudo aconteceu, antes da confusão de Babel, e divisão das gentes. Este foi o primeiro Rei, e Monarca, que achamos ser da cor parda com discurso provável; e com certeza, ainda temos mais.

Reinando em Jerusalém, Salomão, filho de David, levada da fama da sua sabedoria, veio a vê-lo, e ouvi-lo a Rainha de Sabá, a esta recebeu também Salomão por mulher, como Rainha, e teve dela um filho, que lhe nasceu estando já retirada na sua Corte, e lhe pôs o nome David como seu avô, este Príncipe sendo já de vinte e um anos, e desejando ver seu pai, e tomar-lhe a bênção, veio a Jerusalém, e Salomão, não só o reconheceu por filho, mas com todas as cerimônias, e insígnias reais o fez coroa no templo por Rei, e Imperador da Etiópia, e foi o primeiro, que ali houve, porque até então se governava aquele Povo só pelas suas Rainhas sem admitirem os varões à sucessão. Agora pergunto: e que casta de homem era esta? Seria da cor branca, ou da preta? Não era senão da parda; e pardo legítimo, porque era filho de pai branco, que era Salomão, e mãe negra, que era a Rainha de Sabá, e negra natural de Etiópia, na opinião de muitos.

E que dirá agora a isto a cor preta? Que há de dizer, que ouve agora, o que nunca cuidou ouvir.

Que um pardo, ou mulato, como eles dizem, fosse não só Rei, e Imperador dos negros, mas o primeiro Imperador, e Rei que tiveram, e na sua própria terra, e pátria dos mesmos negros. Que dirá a cor preta? Não tem outro refúgio, mais que apelar para a dúvida, e dizer, que como isso não consta da Sagrada Escritura, e nem é mistério de fé, não estão obrigados a dar-lhe crédito. Mas saiba, que tem contra si muitos, e graves Autores, e maior de todos a mesma tradição antiga, pela qual consta, que muitos dos Imperadores da Etiópia tiveram o nome de David e todos até o presente nas suas escrituras se tratam por filho de David e Salomão, e assim o fazia um deles, que no ano de 1507 mandou uma Embaixada ao Papa Clemente VII, e a El Rei de Portugal D. Manuel, jactando-se este, e todos eles, da Real regalia desta descendência. E aqui temos a cor parda, não só tão ditosa, e bem-aventurada, como a preta, e a branca, pois como esta, teve Reis, e muitos Reis; mas ainda muito mais bem-aventurada, e ditosa, pois os primeiros Reis, e Monarcas, que houve entre os da cor branca, e preta, foram da cor parda.

Dos Príncipes, e Reis se seguem os Generais, Governadores, Mestres de Campo, e mais postos da Milícia, e sem sairmos do nosso Brasil, e ainda de Pernambuco podíamos fazer de todos uma boa lista, se assim como lhe sabemos os nomes não acharemos alguns com cores mudada.

Na hierarquia Eclesiástica também tem a cor parda sujeitos assinalados. Sacerdotes sem-número, Curas, Vigários, e outros ainda de maior hierarquia também sem irmãos muito longe de Pernambuco, podíamos de todo fazer um catálogo muito bom, uns, que conhecemos, outros, que talvez se não conheceram.

Nas letras não menos tem a cor Parda homens dignos de se nomearem. O Padre Manoel Gonçalves, natural de Pernambuco, Doutor formado pela Universidade de Coimbra, aplaudido na Corte, e de quem El-Rei D. Pedro fazia muitas estimações, e pela sua virtude, e humildade foi prática, não quis este

Clérigo admitir a de o querer aquele Rei nomear Bispo, para São Tomé. Domingos de Sá e Silva, também de Pernambuco, Doutor em ambos os Direitos pela mesma Universidade, advogado da Casa da Suplicação, e geralmente celebrado por Doutor, e buscado das primeiras pessoas para as dependências das suas causas; e outros muitos Letrados, e Doutor assim nas letras humanas, como Divinas.

Na virtude, e Santidade, que é o principal objeto deste discurso; tem a cor Parda sujeitos ainda de maior distinção. E sem saírmos da nossa América temos aqueles, que bastam para crédito da mesma cor. E deixando alguns mais modernos, como um Irmão Inácio, mui celebrado nestes nossos tempos na cidade da Bahia, donde faleceu o ano passado, não deixaremos de fazer particular memória do Venerável Padre Pedro Soares Pereira, natural do Rio de Janeiro, que desaparecendo daquela terra, sem se entender para onde, se soube depois fora achado em lugares desertos da cidade de Gênova na Itália, morto, e de joelhos, e com um papel na mão, em que dava notícias de quem era, e de onde natural, e nesta mesma postura se conserva na Sé de Gênova; consta o referido, de um sumário que destas partes se mandou tirar ao Rio de Janeiro, foram Juiz, e Escrivão dele o Padre João de Barcellos Machado, Vigário no Rio, e o P. Bartolomeu de França, Cura da Sé.

O Venerável Fr. Martinho Donato, Professo de meu Patriarca S. Domingos, na cidade de Lima, Reino do Peru da América, assinalado em todas as virtudes, e com excesso na da Caridade, a qual se estendia até aos brutos, e irracionais, são espantosos, por nunca ouvidos os prodígios da sua Caridade, acham-se escrito na 4a. parte do *Agiológio Dominicano* no dia 3 de novembro.

Na Capitania do Espírito Santo para a parte do Rio de Janeiro, duas mulheres desta vossa cor, uma casada, e outra viúva, as quais em uma guerra que houve entre o gentio com os moradores, foram cativas, e entregues ao maioral delas; e querendo este usar mal delas, em defesa da sua pureza, e castidade foram martirizadas. Teve revelação do seu martírio o Venerável Padre José de Anchieta, da Companhia de Jesus, que se achava dali distante muitas léguas, no mesmo dia, e hora em que sucedeu, que foi a 18 de janeiro de 1560, e ainda para o altar, no seu modo, as beatificou celebrando delas Missa do comum. Assim o traz o Calendário Português.

E quando na virtude, e santidade não tivesse a Cor Parda, mais que o Beato Gonçalo Garcia, este só bastava, para se poder gloriar com ele, tanto como com todos os seus se gloriam a cor branca, e a preta. Melhor o diremos. Até que temos visto, e parece-me que iguais a cor preta, e branca, com a parda; porque, se a dita e bem-aventurança destas duas cores consistia em terem Santos, e por isto motejavam a parda pelos não ter; saiba agora a cor preta, e mais a branca, que a cor parda não só é tão bem-aventurada, e ditosa como elas, pois já tem também Santos da sua cor, mas saiba que ainda o é alguma coisa mais; e saiba, que esta maior dita, e bem-aventurança vem a cor parda, por isso, que é Parda. Porque a cor parda, por isto, que é Parda, é mais perfeita que a branca, e que a preta. Tudo havemos ver sem ofensa das partes, e por princípios, natural, Filosófico, Moral, e Divino, ou da Sagrada Escritura.

É a cor Parda tão perfeita, que todo o fim com que aparece nos homens não é outro mais que perfeição. Começemos por este fim, como princípio, que é desta cor. A cor parda, nos homens resulta, e tem princípio da cor branca, e da preta. E para que, ou com que fim? Não descubro hoje outro mais que afim de aperfeiçoar-se por aqui nos homens a cor Preta. A cor Preta nos homens, como sinal, que é de uma culpa, e castigo de um pecado; (pois na opinião mais conforme as Divinas letras, e texto Sagrado, quis Deus com esta tinta negra, escrever a malícia de Cam, e a maldade de seus descendentes, e distingui-los com esta divisa tão feia, como ignominiosa dos mais filhos de Noé); vem a ser justamente, um borrão da natureza, numa nota infame, e uma mancha disforme. Mas, como a natureza sempre aspira a aperfeiçoar-se, e mais a mais, comunicando-se, ou misturando-se a cor preta, com a branca, por meio da mesma natureza; assim se vai com a branca, aperfeiçoando-se a preta, até tornar ao seu princípio, e ficar no seu natural. E quem negará, que a cor, parda, que resulta assim da preta, e da branca, não aspira a toda a perfeição desde o seu primeiro princípio?

Adiantemos esta natural razão, com outras razões tiradas de princípios tão bem naturais, e ainda veremos melhor esta perfeição da cor parda. De quatro princípios descubro eu agora procedem nos homens e mudança das cores. Primeiro por castigo de pecado; como já notamos em Cam filho de Noé. Segundo, por mudança de clima, ou atividade de Sol, como escrevem alguns dos naturais da África, e os da nossa América. Terceiro; por predominação de algum dos quatro humores como vemos ainda nos mesmos homens da cor branca, uns mais claros, outros baços, e trigueiros outros; conforme em cada um destes predomina mais o sangue, a cólera, ou fleugma, &c. Quarto; por mistura das naturezas, como sabemos, que do branco, e preto nasce o pardo. Mas o que eu aqui agora quero notar, é que nas demais cores a mudança procede de defeito; na parte é para perfeição. Pecou Cam; e ficou negro; predomina o sangue, ou algum, dos outros humores, e ficou com várias cores os homens; intempera-se o Sol, e faz vermelhos, e morenos a outros: misturam-se as naturezas, e sai a cor parda. E quem deixará de entender assim, que nas mais cores, a mudança está mostrando o defeito, de que procede; e que na parda está inculcando a perfeição, a que aspira?

Sendo, como se vê, a cor parda toda perfeição pelo seu princípio natural, entremos por aqui mesmo a realçar a perfeição desta cor; entre a preta, e a branca.

Naturalmente falando, em cor parda tanto mais perfeita, que a branca, e que apresenta que a primeira imagem do homem, que houve no mundo, havendo Deus de lhe dar cor, não quis para isto, nem a preta, nem a branca, se não só a parda. Não se há de negar, que a primeira matéria, e o primeiro princípio natural do nosso corpo foi o barro; e que a este barro assim amassado, e formado em corpo humano, ou figura de homem, lhe pôs Deus por nome Adam, que quer dizer: *vermelho*, por ser este vermelho a cor daquele barro: *Adam, id est, Ruber.*

Agora pergunto; e como era o vermelho daquele barro? É sem dúvida que não era aquele vermelho, a que chamamos próprio, ou rubicundo; era ou-

tro vermelho impróprio, qual é o do barro, porque, não há barro natural que seja propriamente vermelho senão baço, ou pardo, que esta é a própria, e rigorosa significação do nome *Ruber*, que quer dizer: *cousa, vermelha, loura, ou que tira a roxo que é o baço, ou pardo do barro*. E é isto, tanto assim, que este nome, *Pardo*, dá o P. Antônio Vieira a este barro de Adão, (Vieira Serm. 20 do Rosario p. 165, § 177), discorrendo sobre estas mesmas cores Branca, preta, e Parda, e apropriando o Pardo do barro, a cor nos Pardos; e fazendo o reparo, porque não havia Deus chamar a Adão, com o nome do barro, se não da cor. Este foi o seu reparo; o que eu faço agora, é este. E por que, não quis Deus para dar cor àquela primeira Imagem do homem, nem a cor branca, nem a preta, se não só a Parda? A razão, que devemos dar hoje é; porque, a cor Parda era mais perfeita, que a preta, e que a branca. Das mesmas palavras daquele grande Pregador havemos tirar esta razão. Diz ele assim: *Não quis Deus, que aquela cor fosse alguma das extremas, quais são a branca, e a preta, senão outra cor meia, e mista, que se compusesse de ambas qual é a vermelha, ou Parda, no seu sentido*.

Agora digo assim.

A cor Parda, diz aquele grande pregador, é uma cor meia, ou mista, que participa da branca, e da preta; logo bem se segue, que a cor parda é mais perfeita, que a preta, e que a branca; é sem dúvida; pois os mistos, como sabem os Filósofos; são mais perfeitos, que as partes de que resultam; porque participam das perfeições destas partes. E aqui temos já por princípio natural, a cor parda mais perfeita, que a cor preta, e branca. E esta é a razão, porque não quis Deus para dar cor àquela primeira Imagem do homem, nem a cor branca, nem a preta, se não só a Parda, porque a Parda era mais perfeita, que a preta, e que a branca. E assim a pedia a mesma razão natural; porque ainda naturalmente falando aquela Imagem do homem, era a obra mais perfeita que tinha saído das mãos de Deus, e como mais perfeita, devia ser adornada com a mais perfeita cor; a cor foi a Parda; logo, a cor Parda naturalmente falando é mais perfeita, que a preta, e que a branca: *Adam, id est Ruber*. Para confirmação nos não há de faltar nem a Filosofia, nem a Teologia com as razões. E ainda que, os exemplos, que apontamos não pertençam todos à linha dos mistos, os que vêm fora dela, é porque tem para o nosso intento, o que basta, que é, contêm em si as perfeições das partes, que contêm, e por isto, serem mais perfeitos, que estas partes.

Na boa Filosofia o corpo misto elementar é mais perfeito, que cada um dos elementos, e a razão é; porque o corpo misto elementar contêm em si todas as qualidades elementares, e participa da perfeição de cada uma delas. A alma racional é mais perfeita que a alma só vegetariana, e que a alma sensitiva só; e a razão é; porque a alma racional contêm em si estas duas, e todas as suas perfeições. O Sol entre todos os Planetas é o mais perfeito, e uma das razões é porque no Sol se vêm juntas, e unidas as perfeições de todos, e cada um dos Planetas, *In unum Colle Etis*.

Deus é mais perfeito, que todas as criaturas, e a razão é; porque Deus contêm em si todas as perfeições das criaturas. Logo, se a cor parda inclui, e participa as perfeições da negrura, e alvura; bem se segue, que a cor parda é a mais perfeita, que a branca, e que a preta.

Mais ainda, e é razão Teológica. O conhecimento simulintuitivo, e abstrativo é mais perfeito; *extensivo*, que o conhecimento só intuitivo, e que o conhecimento abstrativo só; e a razão é, porque o conhecimento simulintuitivo, e abstrativo, há-se como uma terceira espécie, que participa dos dois conhecimentos Intuitivo, e abstrativo: Agora a nossa conclusão: A cor parda há-se como uma terceira espécie, que participa da cor branca, e da cor preta; logo, a cor parda é mais perfeita, que a cor preta, e que a cor branca. Vamos à razão moral.

Moralmente falando, aquela virtude é mais perfeita, que põem ao sujeito em grau mais superior, e lhe dá o primeiro lugar. O martírio na hierarquia da Igreja tem o primeiro lugar, e põem aos Santos em grau mais superior, que a confissão: logo, é mais perfeito, que a confissão, o martírio. Agora digo assim: A cor parda o primeiro Santo, que deu para a Igreja foi um Santo Mártir; a cor branca, ainda que tem dado muitos mártires os primeiros que deu foram confesores; e a cor preta só confesores, é que tem dado até agora: o martírio na ordem da Igreja, põem aos Santos em grau mais superior, e lhes dá o primeiro lugar, que aos confesores; logo, a cor Parda moralmente falando é mais perfeita, que a branca, que os primeiros Santos, que deu foram confesores, e que a preta, que só confesores tem dado. Venha já a Divina Escritura com a sua luz o fazernos mais claro este discurso, e seja em um passo todo de luzes.

Quae est ista; quae progreditur, quasi aurora consurgens, pulcha ut luna, electa ut Sol. (Catic. 6.9). Que alma Santa é esta; Quem é este Santo, que levantando-se como engraçada aurora, e participando juntamente dos resplendores do Sol, e dos reflexos da Lua, vem dando passos, que inculcam vagares, e mostram primazias: *Quae est ista, quae progreditur quasi aurora consurgens pulchra ut luna, electa ut Sol?* Se a sabedoria de Salomão se pusesse de propósito a fazernos uns rascunho da Imagem do Nosso Santo, o não podia deixar debuxado com melhores cores. Notem: três cores divisam a grande luz do Padre Antônio Vieira neste quadro de Salomão: (Vieira tom. 10. Serm. 20 p. 151 § 159); a preta, a branca, e a parda. No sol a branca, que é o dia; na Lua a preta, que é a noite; e a parda na aurora, que são uns crepúsculos, que não são noite, nem dia, mas participam do branco, e do preto de ambos. Já por estas cores temos descoberto, que a Imagem, ou figura, que daqui descrevia Salomão era a do nosso Santo Pardo pela cor, com participação de branco, e preto: *Quasi aurora consurgens pulchra Luna, electa ut Sol.*

Aqui, como sombras, para darem algum realce a este quadro, e fazerem mais própria esta pintura, parece podermos aplicar o que na oit 14. do cont. I disse o nosso Português Homero. Reinos da Aurora chama ele ali aos da Índia Oriental: e da mesma Aurora direi eu agora são filhos os seus naturais; pela proporção, que tem com os crepúsculos daquela, a cor destes, Pardos com propriedade, como nosso Santo por participar do branco, e preto como natural dos Reinos da Aurora: *Quasi aurora consurgens pulchra ut Luna, electae ut Sol.*

Ainda conheceremos melhor ao nosso Santo nesta figura, se repararmos de caminho nos passos, com que disse Salomão havia ele fazer esta sua jornada: *Quae progreditur: Progreditur*, quer dizer, passar avante de um a outro lugar, não

com passos apressados, mas com discurso vagaroso. Assim tem feito, esta sua viagem do Japão até Pernambuco o Beato Gonçalo Garcia, pois, partindo das Índias há 148 anos, que tantos há desde o do seu martírio até o presente, ainda agora chega aqui: *Progreditur*. Mas os vagares, com que veio, nos deu lugar a reparar, em que a sabedoria de Salomão, não só o quis deixar conhecido por Pardo, senão, que no modo com que o deixou, logo exprimiu também a singularidade, e primazia da sua cor parda, sobre a branca, e a preta; porque, não só põem, a aurora primeiro, que o Sol, e a Lua, e a cor parda em primeiro lugar, que a preta, e a branca; *Aurora; Luna, & Sol*: mas diz também que entre a branca, e a preta, se levanta a parda com a primazia, que isto quer dizer o *Consurgens: Quasi aurora consurgens, pulchra ut Luna electa ut sol*.

E tanto fica, em ordem de perfeita, a cor parda superior à branca, e à preta, que nem a preta, nem a branca, senão à parda, a guardou Deus, para que com a glória dos seus Santos pusesse na sua Igreja a última coroa. Temos texto quase expresso: *Veni de Libano sponsa mea veni de Libano, veni coronaberis; de capite Amaná, de Vertice sanir & Hermon, de cubilibus Leonum, & de montibus Pardorum*. (Cântico 4.8). É sentido de Herculano, que traz Alapide, que neste lugar convidava Cristo a sua Igreja para ser coroada com a glória, que lhe havia resultar pelas gentes, que a esta Igreja haviam vir de todas as quatro partes do mundo, representadas naqueles quatro montes, que de tal sorte estão situados, que cada um deles corresponde, a cada uma das quatro Regiões do Orbe. O Líbano, que olha para o Setentrão, o Amaná para o Ocidente o Sanir para o meio-dia, e o Hermom para o Oriente. Vejam ao Alapide neste lugar. Agora duvido assim. Se as gentes, que se nomeiam aqui para coroarem a Igreja, são as que habitam as quatro Regiões do mundo, como não são as coroas também quatro? As coroas hão de ser três, significadas naquelas três *Veni, Veni, Veni coronaberis*: e as gentes divididas em quatro partes: *De Libano, de Amaná, de Sanir, de Hermon*? Sim; e por que? Porque ainda que as partes do mundo sejam quatro, as gentes, que as habitam constam só de três cores, que são a branca, a preta, e a parda; porque fora destas três não há gentes no mundo de outra cor.

E daqui se ficará entendendo, que fora do branco, e preto, tudo o mais se deve reduzir a cor parda, e buscar nesta cor a sua própria estação. E como as cores de todas as gentes, ainda que estejam espalhadas pelas quatro partes do mundo, se reduzem só a três; e destas três queria Cristo compor as coroas para a sua Igreja por isso diz que haviam ser as coroas três, porque três, são as cores de todas as gentes: *Veni, veni, veni, coronaberis*.

Antes que concluamos o conceito, é preciso notarmos aqui alguma coisa mais. A comum opinião dos sagrados Expositores tem, que aquelas últimas palavras: *Decubilibus Leonum, & de montibus Pardorum*: (Apud. Alap. hic) se devem referir aos três montes: *Amaná, Sanir, e Hermon*; porque neles, e nas suas cavernas, e grutas tem os Leões, e Pardos a sua morada, e assistência, Adricomio na descrição da terra Santa com Brocardo, e Brandebachio dizem que este: *Decubilibus Leonum, & montibus Pardorum*: é outro monte muito diferente dos quatro nomeados; e afastado do Líbano para a parte do meio-dia: Agora dis-corro assim.

Ou aqueles montes sejam quatro, como querem alguns; ou o monte dos Pardos seja o quinto como afirmam outros, sempre neles havemos descobrir as três cores de gentes, que habitam toda a Terra, a branca, a preta, e a parda. Se forem só quatro os montes, e neles estejam as grutas dos Leões, e Pardos neles temos todas as três cores. A branca repartida por todos os quatro montes, porque, em todas as quatro partes do mundo acharemos a cor branca, e em todas quatro partes dando Santos para glória, e coroa da Igreja de Deus. E em algumas destas quatro partes, como na África, e Etiópia, que é covil de leões a cor preta, formando também para a Igreja a sua coroa com os seus Santos; e a nossa América, em cujas serranias abundam tigres, e onças; e onde os racionais pardos mais tem dilatado as suas descendências a sua cor compondo também para a Igreja a sua coroa, com sujeitos assinalados em virtude, e Santidade.

E se com este monte dos Pardos fizermos outro monte distinto dos quatro, ainda acharemos mais ao vivo estas três cores. A branca repartida pelos quatro, como dissemos; e com mais extensão ao monte Líbano, que significa alvo, ou branco, e olha para o setentrão, ou Norte, onde foi, e é o maior ajuntamento da gente branca: *Libanus, significat album: Respicit ad Septentrionem*, (Alap. Supr.) No monte dos Pardos, e Leões, as duas cores, preta, e parda. Ou porque estas sendo duas meias irmãs, na cor, e andando quase sempre juntas, são tão pouco unidas, que se tratam como duas feras. Ou porque, neste monte dos Pardos diz mesmo Adricomio em uma grande gruta, se acha um magnífico sepulcro, que diz Alapide, ser de Canaã, filho de Cam, negro pela cor, e preto por castigo. E aqui temos neste só monte a cor parda e mais a preta. A preta por Canaã negro, e a parda, pelos Pardos: *De montibus Pardorum: Adde quod ibi ostendi in spelunca monumentum, quod incolae putant esse sepulchum Josue, sed verius videri esse sepulchum chanaan filii Cham: diz Alapide.*

Agora para concluirmos o pensamento, pergunto; e qual destas três cores foi a que pôs a Igreja com a glória dos seus Santos a última coroa? O mesmo texto está dizendo foi a cor parda, pois é a última, que aqui se põem. *Veni Veni, Veni coronaberis. . . de montibus Pardorum.* E nós o estamos hoje vendo assim, pois vemos ao Beato Gonçalo Garcia, Pardo pela cor, sendo último, que entre os da cor branca e preta vem a pôr na Igreja esta coroa. *Veni corona beris. . . de montibus Pardorum.*

Grande excelência, da cor parda! grande dita a desta cor! guarda-a Deus, para que nestes últimos tempos com a glória dos seus Santos, pusesse na sua Igreja a última coroa! grande dita! ainda não está encarecida, como pede o dia esta dita cor parda sobre a branca, e a preta; e para acabarem de ver, notemos mais.

Se fizermos reflexão neste texto, acharemos, que só diz, que a Igreja fora convidada para ser coroada por estas três cores; mas não declara, qual delas foi a que pôs esta coroa. Diz que haviam de coroar: *Coronaberis*, mas não diz qual foi a que coroou! E se lermos os Sagrados Expositores, e Santos Padres acharemos, que só da cor parda, diz S. Gregório, que foi a que pôs na Igreja aquela coroa: *De montibus Pardorum coronatur Ecclesia* (D. Greg. apud Alapide hic). E pois, como assim? É convidada a Igreja, para ser coroada pela cor branca, pela preta, e pela parda: *Veni, Veni, Veni coronaberis*, e no remate, foi a cor parda, é a que põem esta coroa: *De montibus Pardorum coronatur Ecclesia?*

Havemos dizer, que a Igreja não foi coroada pelas mais cores? Não diremos tal; porque, não só foi coroada por elas, mas elas foram as primeiras, que lhe deram coroas, pois foram as que primeiro tiveram Santos.

Mas por isso mesmo, que foram primeiras, se não havia dizer, que foram elas, as que coroaram; porque a glória de pôr a coroa, só a leva, aquele, que vem por último: porque o último dizem, é o que coroa; e a razão toda pode ser porque a cor parda por isso mesmo, que, era a última, era mais perfeita, que a branca, e que a preta; e como mais perfeita por última, havia ser guardada para que, com a glória de seus Santos pusesse na Igreja de Deus a última coroa: *Veni, Veni, Veni coronaberis. De montibus Pardorum. Demontibus Pardorum coronatur Ecclesia*. Nem o Beato Gonçalo Garcia podia ter hoje maior glória.

Beati eritis, e nem os da sua cor podem ter neste dia gosto, e prazer maior: *Gaudete in illa die, & exultate*.

Glorioso Santo, Martir sempre invicto; agora, que tenho concluído este discurso é que conheço um grande erro, que cometi: fui nele muito dilatado, não podia ser muito compreensivo. Pois foi sempre achar que de compreender pouco e dizer muito; e certamente, não podia discorrer muito fundo, que não passou da superfície. Arreataram-me os accidentes da vossa cor, não pude chegar ao substancial das vossas virtudes: mas como podia entender de substâncias discurso possuído de accidentes. Fiquem pois estas virtudes para quem com maior juízo possa formar delas melhor conceito. Que, o que eu agora vos quero pedir tanto pelas da vossa cor, como pelos da branca, e preta é que despacheis para todas aquelas duas petições, que por vós fizemos hoje a Deus na oração que vos cantamos como na Igreja, é assim: *Praesta, quaesumus, omnipotens Deus, ut intencedente Beati Gundisalvo Garcia, & acuntis adversitatibus (digamos assim) munde mur in corpore; & a pravis cogitationibus liberemur in mente*: os da vossa cor, meu santo, vos pedem, lhe alcanceis de Deus, fiquem para sempre limpos, e purificados da maldade, que lhe punham os adversários do seu nome nos accidentes da sua cor. *Et acum etis adversitatibus mundetur in corpore*, e os da cor branca vos pedem também, ou eu por eles, lhes alcanceis do mesmo Senhor, lhes queira livrar o entendimento de cuidarem mais, que os da vossa cor tem impedimento algum para terem Santos, porque isto é um pensamento mau: *Et a pravis cogitationibus liberemur mente*. Para que assim como a vossa, se acabe também esta nossa oração, para maior honra, e glória de Deus. Amém.

O que aqui se diz da virtude de alguns, sujeitos, que ainda não estão declarados pela Igreja, e nem tem por ela culto, não queremos tenha mais fé, que a que se deve a uma pura narração; e o sujeitamos a determinação da mesma Igreja, e Decretos Pontifícios.

Fr. Antônio de Santa Maria Jaboatão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 CAMÕES, Luiz de. *Os Lusíadas*. Canto X e LXI
- 2 JABOATÃO, Fr. Antônio de Santa Maria. *Discurso Histórico, Geográfico, Genealógico, Político, e Encomiástico*. Recitado na nova celebridade, que dedicaram os Pardos de Pernambuco, ao Santo da sua cor, O Beato Gonçalo Garcia, na sua Igreja do Livramento do Recife, aos 12 de Setembro do ano de 1745. Lisboa, Na Oficina de Pedro Ferreira, Impressor da Augustíssima Rainha N. S., Ano de MDCCLI. 64 p.
- 3 JABOATÃO, Fr. Antônio de Santa Maria. *Jaboatão Mystico em correntes sacras dividido*. Lisboa, Oficina de Antônio Vicente da Silva, 1758. 292 p.
- 4 RODRIGUES, José Honório. *História da História do Brasil*. 1a. parte Historiografia Colonial. Companhia Editora Nacional, 1979. 534 p.
- 5 SANTOS, Frei Joseph dos. *Sermão de São Gonçalo Garcia*, pregado no terceiro dia do soleníssimo tríduo, que celebraram os Homens Pardos da Cidade da Bahia na Catedral da mesma cidade. Aos 24-25-26 dias do mês de Novembro do ano de 1746, Lisboa, Na Oficina de Miguel Rodrigues, Impressor do Eminentíssimo Senhor Cardeal Patriarca, MDCC XLVII, 32 p.

ELOGIO DO HOMEM PARDO

Rachel Caldas Lins
Gilberto Osório de Andrade

Quando em 1745 foi entronizada festivamente no Recife a primeira imagem trazida ao Brasil do Beato Gonçalo Garcia (beatificado pelo Papa Urbano VIII em 19 de julho de 1627 e canonizado por Pio IX em 10 de julho de 1862), um frade franciscano, natural da Bahia, e professor na época no Convento da Vila de Igaracu, escreveu uma longa "reportagem" que sob o título de "*Súmula Triunfal*" veio a ser publicada pela *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, no. 153.

O frade-repórter era Frei Manuel da Madre Deus que assinou o relato com o pseudônimo de Sotério da Sylva Ribeiro e anunciou estar a "*Súmula*" acompanhada da Oração Panegírica, que recitara o Doutíssimo e Reverendíssimo Padre Fr. Antônio de Sta. Maria Jaboatão, Religioso Capucho da Prov. de Santo Antônio do Brasil, na Igreja dos Pardos da Senhora do Livramento, em Pernambuco no dia 12 de setembro de 1745.

Todavia nem no exemplar existente na Biblioteca do Conde de Sabugosa, nem na *Revista do Instituto Histórico*, que o reproduz, encontra-se o Sermão. Fomos localizá-lo em edição própria na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Coleção Benedito Ottoni. Organizada pelo Dr. J. C. Rodrigues, doação do Dr. Júlio B. Ottoni) em opúsculo sob o título de *Discurso Histórico, Geográfico, Genealógico, Político, e Encomiástico*, recitado na nova celebridade, que dedicaram os Pardos de Pernambuco, ao Santo da sua cor, o Beato Gonçalo Garcia, na sua Igreja do Livramento do Recife, aos 12 de setembro do ano de 1745, pelo Padre, Pregador Fr. Antônio de Santa Maria Jaboatão. 2

Só depois viemos a saber que José Antônio Gonsalves de Mello trouxera de Portugal, dentre muitos outros documentos, a reprodução xerográfica do "Discurso".

A edição do *Sermão*, de 1751 ("Na Oficina de Pedro Ferreira, Impressor da *Angustíssima Rainha N. S. Ano de MDCCLI*"), tem 52 páginas, precedidas, como era de costume na época, de oferecimento, licenças, e aprovações eclesásticas (Págs. I a XII).

Vem em primeiro lugar a carta de 18 de agosto de 1750 de oferecimento ao Revmo. P. Provincial Fr. Gervásio do Rosário, por ter dado a necessária licença "para correr".

Vem a seguir a Carta escrita (em 22 de novembro de 1745) por Fr. João da Apresentação Campelly, Qualificador do Santo Ofício, etc, agradecendo o envio do sermão e elogiando-o.

Em terceiro lugar reproduz-se a licença da ordem em 20 de agosto de 1750, assinada pelo Ministro Provincial Fr. Gervásio do Rosário e subscrita por Fr. João de Jesus Maria, Secretário da Província. Consta da licença que o sermão foi "pregado na festividade do Beato Gonçalo Garcia na nova celebração, que dedicaram aos Pardos da sua cor na sua mesma Igreja do Livramento do Recife de Pernambuco". Seguem-se a Aprovação do Santo Ofício (Lisboa, 19 de janeiro de 1751); o "Imprimatur" da mesma data; a Aprovação do Superior da Ordem em Lisboa (15 de fevereiro de 1751); o parecer com que o "Examinador das Três Ordens Militares" Fr. Timótheo da Conceição, atende a determinação de Sua Majestade (no dia 27 de abril de 1751), aproveitando a oportunidade para acentuar que "A glória maior dos vassallos de V. Mag. e do nosso Reino é ser entre todos os da Cristandade o mais fiel, e obediente, à suprema Cabeça da Igreja, e ter um Monarca, que com respeito ao Reino e Vassallos, mereceu o título de Fidelíssimo, dado pelo Oráculo do Vaticano".

Encerraram a série de documentos novos "Imprimatur" (de 04 de maio de 1751) a recomendação de que uma vez impresso volte o sermão à "Mesa para se conferir" e, finalmente, as licenças para que "corra", baixadas pelas autoridades competentes em julho de 1751.

O *Discurso*, aliás, foi reeditado em 1758, entre os vários sermões reunidos no *Jaboatão mystico em correntes sacras dividido*³ também existente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Como, os demais sermões, de Jaboação, dos quais escreve José Honório Rodrigues serem "repletos de citações latinas, sem nenhuma inspiração ou preocupações brasileiras, palavrosos", o *Discurso* tem 52 páginas impressas, e escandaliza o seu tanto José Honório porque "louva o Beato Pardo Gonçalo Garcia, protetor de todos os pardos, natural da Índia, na qual distingue pardos, negros, e morenos, e louva a cor parda como a mais perfeita". 4,303

São Gonçalo Garcia nasceu em Baçaim, na costa do Malabar, ao sul de Goa em ano posterior ao de 1533, que foi o da entrada dos portugueses nessa cidade fortificada do Golfo de Cambaia entre Chaul e Dio, em cuja fortaleza havia quatrocentas peças de artilharia, quando Nuno da Cunha a tomou. 1

Ali foi que dum português não identificado, provavelmente de Guimarães 5,4 e duma mulher indu, proveio o Pardo Gonçalo Garcia, comerciante

mais tarde, quando tomou o hábito de irmão terceiro franciscano e veio a ser um dos 26 mártires do Japão crucificado em Nagasáqui no ano de 1597.

Um dos aspectos sociais de Pernambuco no século XVIII era o desprezo hostil que se votava aos mestiços, principalmente os descendentes de negros e brancos, ou fossem os mulatos. Para justificar a entronização do santo mulato, Jaboatão enfrentou e rebateu grande número de preconceitos, tais como os que estavam sendo invocados contra São Gonçalo Garcia. A leitura do Sermão deixará evidentes esses preconceitos raciais.

Mulato pode se dizer que era Gonçalo Garcia, filho de português branco e de mãe negra.

Abstraídas as diferentes sub-raças locais, que caracterizam etnicamente a Índia, os indus de Malabar são por vários autores apontados como os mais negros de toda a Índia. É certo que os indus negros são de cepa diferente da dos negros africanos.

A mãe de Gonçalo Garcia devia ter cabelos levemente crespos, tez azeitonada, e nariz afilado e pequeno, tudo diferente das principais etnias africanas, com exceção dos etíopes. Muitas imagens de São Gonçalo Garcia mostram-no com o cabelo apenas ondulado, e uma delas, a que está no Museu de Arte Sacra de Laranjeiras, Sergipe, tem uma cor de mulato impecavelmente representada.

Como temos em preparação um pequeno estudo sobre São Gonçalo Garcia, reservamos para essa oportunidade a maior parte dos comentários que o texto sugere.

À maneira de toda ciência do tempo de Jaboatão, a "Genealogia" — diríamos hoje a Etnografia — estava cerradamente adstrita ao Velho Testamento. Uma verdadeira ginástica verbal é feita no Sermão em torno dos descendentes de Cam, filho de Noé, especialmente Cuch, seu primogênito, e do qual teriam provindo os etíopes. Jaboatão insiste particularmente nestes últimos, ao tratar das origens dos negros da Índia.

Da erudição com que o frade Capucho trata dessas coisas, vê-se que recorreu a um grande número de autores, que seria fastidioso aqui enumerar. Um aspecto, entretanto, que merece realce particular, no que tange às modernas considerações de Gilberto Freyre sobre a "morenidade" do brasileiro, ou de sua metarraça, é o louvor a que chega Frei Jaboatão ao considerar o homem pardo como sendo uma raça superior às demais. Superior a brancos e pretos, é a sua tese, apoiada numa argumentação que se desdobra por muitas das páginas do Sermão, e caprichosamente deduzida de textos bíblicos e profanos, nos quais sua mencionada erudição é levada ao mais alto grau. Trata-se enfim dum autêntico elogio da cor parda, ou do mulato, a propósito de São Gonçalo Garcia.

É este o texto integral do *Discurso*, atualizada a ortografia mas sem qualquer modificação na sintaxe:

BEATI ERITIS, CUM VOS ODERINT HOMINES, & CUM SEPARAVERINT VOS, & EXPROBRAVERINT, & EJECERINT NOMEN VESTRUM TAMQUAM MALUM: GAUDETE IN ILLA DIE, & EXULTATE. LUC. 6.

Sendo tantas as ocorrências da festa, não podiam ser menos as palavras do Tema. Servirão de Tema estas palavras para o Sermão; porque é justo, que o Sermão tenha tema, mas a mim; mais me parecem uma ajustada profecia da presente solenidade, e de todas as circunstâncias, que nela ocorrem. Dedicam-se hoje estes reverentes cultos, estes custosos aplausos, estes grandes festejos, estes devidos obséquios, e toda esta nova, e grande celebridade ao glorioso, e invicto Mártir São Gonçalo Garcia. Crédito, lustre, honra, e glória, de todos, os que pela sua cor se chamam Pardos. Este é aquele nome, que proferido com outros termos, e tomado em linguagem vulgar, se vos lançava até agora em rosto, quase por desprezo, como com menos política o faziam alguns, sem mais razão, ou só com a sem razão, de não terem os Pardos, um Santo, que canonizasse a vossa cor; mas hoje, que vos aparece um Santo da vossa cor, e já canonizado, já o nome vos não pode servir de desdouro algum, antes sem de muita glória, pois em o Beato Gonçalo Garcia Santo, Santo de vossa cor, vos deparou Deus um Restaurador, ou Redentor das calúnias do vosso Nome.

Este é em suma o objeto todo desta nova, e grande celebridade. Festejar-se aqui um Pardo Santo, que fazendo-se até agora, que era Santo, não se conhecia fosse Pardo; e por este Pardo Santo, verem todos os da sua cor tornado bom aquele nome, que se se supunha até agora como mau. E tudo isto temos misteriosa, e profeticamente incluindo nas palavras, que me serviram de Tema, que são do Evangelho, com que a Igreja declarou por Santo ao Beato Gonçalo Garcia *Beati eritis, cum vos oderint homines, & cum separaverint vos, & exprobraverint, & ejecerint nomen vestrum tamquam malum. . . Gaudete in illa die, & exultate*. Alegrai-vos, dizem as palavras do Evangelho, falando como em Profecia com os Pardos hoje; alegrai-vos: Gaudete. Porque, ainda que, vejais muitas vezes o vosso Nome desprezado, e lançado à parte como mau: *Et ejecerint nomen vestrum tamquam malum*, e por este mesmo nome sejais caluniados, e tidos como em ódio pelos homens, e por eles separados até de tudo o que é ação; boa, e virtuosa: *Cum vos oderint homines, & separaverint vos, & exprobraverint*; alegrai-vos; Et exultate; porque lá há de chegar tempo, lá há de vir um dia: *In illa die*, em que por este mesmo Nome caluniado, e desprezado haveis de ser bem-aventurados, haveis de ficar muito gloriosos: *Beati eritis*. Nem as palavras do Evangelho dizem mais, e nem vós tendes experimentado menos.

Quantas calúnias, quantos opróbrios, que de desprezos, e irrisões, não têm ouvido os Pardos sobre a falta, que tinham de Santo da sua cor; atribuindo-se esta falta ao defeito da mesma cor; como se a cor, por accidentes, pudesse ser sujeito de alguma maldade. E com tanto empenho, que por malícia da mesma cor, queriam separar (ao nosso modo de dizer), até da comunicação dos Santos. A alguém ouvi dizer (seria talvez por chiste) que do Beato Gonçalo Garcia uma só cousa duvidava, e era, que fosse Santo sendo Pardo, com os seus ter-

mos vulgares. É verdade, que nesse mundo todos fomos como abelhas de São Pedro (conforme dizem), que pelo que fazem uns, perdem os outros, e alguma abelha má poderá ter havido, que com o veneno da sua malícia infeccionasse aos mais, e o que foi defeito particular de algum ficou sendo contágio universal para todos; mas, como isso não é culpa original, que por força de Decreto hajam de contrair todos, o que cometeu um; ser embora mau o que é mau, desse o Nome ao que obra mau, que aos mais não lhes pode o nome fazer mau se obram bem. E assim com estes falo.

Alegrai-vos uma vez: *Gaudete*, e outra vez, vos alegrai: *Et exultate* porque isto, que até agora passou por vós, é o mesmo, que disse Cristo havia acontecer aos seguidores do seu Evangelho, ou do seu nome. O nome dos seguidores do Evangelho, que é o do crucificado, ou de Cristão, nem era mau, nem continha em si maldade alguma, senão aquela que os contrários do mesmo Nome lhe queriam pôr; e, com tudo os Discípulos do Senhor, eram caluniados, só por terem aquele Nome; e sendo os Discípulos os caluniados, Cristo é o que principalmente vinha a ser ofendido pelo Nome: *Nomen vestrum tam quam malum propter Filium hominis* o mesmo passa em o nosso caso. O Evangelho em comum parece fala com todos os Pardos, mas determinadamente se encaminha ao Beato Gonçalo Garcia; porque ele é o que se achava mais ofendido, quando os Pardos pelo seu nome eram caluniados, pois ao mesmo tempo que o Beato Gonçalo Garcia era Santo, e estava beatificado, o mundo julgava o contrário, e não queria, que sendo Pardo fosse Santo, só porque tinha aquele Nome: *Nomen vestrum tamquam malum*.

Cristo para enganar aos Escribas, que o seu nome, não continha em si maldade alguma, dizia aos Discípulos, que se alegrassem, por daquele mesmo nome caluniado, e desprezado, lhes haviam resultar todas as suas glórias. Porque aquela partícula: *Cum*, aqui é causal, e quer dizer, que as glórias lhes haviam sobrevir depois da mesma causa donde lhes nasciam então as calúnias: *Cum vos oderint homines, & separaverint vos, & exprobraverint, & egerint nomen vestrum tamquam malum*. Eis aqui a causa das calúnias; *Beati eritis*, eis aqui as glórias deduzidas daquela causa. Da mesma sorte, para deixarmos hoje enganados aos caluniadores deste nome Pardo, que não contém em si maldade alguma o nome, lhes havemos mostrar, que deste mesmo nome caluniado resultam aos pardos todas as suas glórias: *Beati eritis cum vos oderint homines, & cum separaverint vos, & exprobraverint, & egerint nomen vestrum tamquam malum. Gaudete in illa die, & exultate*.

Cristo dizia aos Discípulos que haveria ter um dia destes, mas não lhes declarou quando havia de ser este dia; talvez, porque, quis que pelo dia de hoje viéssemos em conhecimento daquele dia. Comumente acode Deus nas tribulações, quando elas apertam, e apuram mais aos atribulados, e quando nelas se espera menos algum socorro e alívio: nunca os Pardos esperaram menos um Santo da sua cor, do que na presente ocasião; e nunca tanto como agora os apuraram e apertaram mais as tribulações dos caluniadores do seu nome; e por isso, nunca tanto como nesta ocasião se faria neles mais apetecido, um Santo de sua cor. Pois agora, diz o Senhor, agora é tempo, já chegou o dia. Agora sim que cresceram, e chegaram a seu termo as calúnias do vosso nome: *Cum vos oderint*

homines, & ejecerint nomen vestru tanquam malum, agora é o tempo de se publicarem as vossas glórias: *Beati eritis*, já chegou o dia do vosso grande prazer, e gosto: *Gaudete in illa dia & exultate*.

A bem-aventurança, ou glória de que o Senhor aqui fala, não é a do céu, é a da terra, não é a que se goza na Pátria, é a que se pode ter nesse mundo, e aquela glória, aquele prazer, aquele gosto, é aquela alegria, que costuma sobrevir, depois de vencido o trabalho, desfeita a calúnia, e passada a tribulação; é sentido literal do texto: porque tudo o que nele se trata é causa, que havia passar cá no mundo, e entre os homens, donde a glória, que pode haver, não passa de um prazer, e gosto que passa: *Beati eritis, Gaudete & exultate*.

Daqui suponha se está já percebendo, que não venho hoje pregar da bem-aventurança e glória, que o Beato Gonçalo Garcia goza no Céu, como Santo, nem tampouco hei de discurrer sobre a declaração, que o Sumo Pontífice fez da sua Santidade; porque isto não é hoje causa nova, e nem padece dúvida alguma: a declaração, que eu me parece devo fazer hoje, é daquilo, que pode ser e com efeito tem alguma contrariedade, e faz repugnância a alguns, que é a natureza, e cor parda desse Santo.

Esta cor parda é a que eu venho hoje beatificar, ou declarar por bem-aventurada; quero dizer: venho mostrar como o Beato Gonçalo Garcia é pardo por nascimento e descendência, e declarar, que a sua cor parda, não só é também aventurada e ditosa como as mais; mas ainda alguma causa mais. E como isto tudo, há de resultar em glória do nosso Santo, ao menos accidental: *Beati eritis*: e em gosto e prazer de todos os da sua cor *Gaudete, & exultate*: todos me devem ajudar a pedir para o acerto, por intercessão do mesmo Santo, o patrocínio daquela Senhora em cuja casa estamos, que nos não há de faltar, como Mãe, que é de graça.

AVE MARIA.

Assuntos há, que melhor é ouvi-los, que dizê-los, não está também o discorrê-los em conceito próprio, mais conveniente é ouvi-los em discurso alheio. Assim devia muitas vezes ser, não tanto pelo difícil dos assuntos, quanto pela diversidade dos ouvintes; pois não havendo assunto tão inacessível que se não possa penetrar, e ainda dar alguma saída, a dificuldade toda está em deixar satisfeitos aos que ouvem; porque certamente, há gênios de paladar tão desgostosos, que sempre lhes desagrada o alheio, por mais concertado, que vá, talvez só porque é alheio; e só lhes parece bem o próprio, e muitas vezes sem mais tempero, que o ser próprio. Um dos assuntos mais repugnantes, que tem tocado o meu discurso, é o presente; porque entro nele conhecendo, que não tendo tanto de dificultoso pela matéria de que trata, há de ter muito de contrariedade pelo acento, que muitos lhe deram, ou tem já dado.

O que eu posso afirmar é que não trago intento, e nem o tive nunca, de persuadir causas novas, porque só determino mostrar a verdade delas; e esta não ditada pela minha estimação, mas deduzida de vários Autores; da verdade de todos eles há de constar o presente discurso, que não há de ter de meu, mais que a forma, a composição, e ornatos; e ainda que, por força há de começar em narração histórica, não deixará por isso de continuar, e acabar em discurso panegírico atado todo às palavras do Evangelho; entremos nele.

O Beato Gonçalo Garcia nasceu em Baçaim, Cidade do Estado da Índia Oriental Conquista dos sereníssimos Reis Portugueses, nossos Senhores. É Baçaim, além de outras excelências, que dela contam os Historiadores uma das mais nobres cidades da Índia, assim em edifícios, como em moradores; pois apenas, dizem eles, se achará em Portugal, casa, ou família ilustre, que lá não tivesse descendência; por cujo respeito, eram ali tantos os Dons, que até a cidade lhe tocou o seu, pois a chamavam alguns, Dom Baçaim. Suponho, que ao nosso Santo, lhe não coube um forte Dom alguns destes, porque, nenhum dos Escritores, que vi, lho declaram, nem ainda os Nomes de seus pais. Só nos dizem que um era Português, e por consequência branco, e outro natural da terra, e consequentemente negro; esta era a mãe; natural de Baçaim, e aquele o pai, filho de Portugal. Assim o trazem, além dos Escritores da Ordem, o Hagiológio Lusitano, ou Calendário Português do Licenciado Jorge Cardozo, no dia cinco de fevereiro.

Não achamos escrito, nem o dia, nem o ano do seu nascimento; nem tampouco os que teve de idade, só achamos que entrando os Portugueses a tomar posse da Cidade de Baçaim no ano de 1534, e sendo o martírio desse Santo no de 1597, correm neste meio tempo 63 anos, e assim, podemos afirmar certamente, que dos 61, ou 62, não podia passar a sua idade, dado o caso, que nascesse logo no primeiro, ou segundo ano daquela entrada dos Portugueses em Baçaim.

Também não achei coisa particular da sua vida até o Estado de Religioso, por fim; que nela exercitou primeiro o trato da Mercancia, navegando da Índia para a Ilha de Manilha uma das chamadas Filipinas, no mar da China. Nessas Ilhas têm os Religiosos Franciscanos Reformados uma Província intitulada de São Gregório, e em Manilha um Convento, donde Gonçalo Garcia costumava muitas vezes ir, quando se achava na terra com o seu negócio. E, ou afeiçoado aos Religiosos, ou chamado por Deus pediu ali o hábito e fez profissão para Frade Leigo. Também não podemos descobrir o tempo desta Profissão; só achamos, que no ano de 1593, estando por comissário dos Religiosos nas Filipinas o Beato F. Pedro Batista, e sendo enviado Embaixador por Felipe II de Castela, a Faicozame Imperador do Japão, levou consigo por companheiros a dois religiosos mais, e a Fr. Gonçalo Garcia por intérprete, porque, como Mercador, que tinha tratado com aquelas gentes, entendia melhor a língua da terra.

Não só compôs Fr. Pedro os negócios de Espanha com o Japão como Embaixador, mas também como Missionário (para cujo emprego levava breve do Papa Clemente VIII), alcançou licença do Imperador para pregar a Fé àqueles Gentios, como com efeito o fez, converteu a muitos, edificou Conventos e Hospitais; e passadas nestas, e em semelhantes obras mais de três anos, movido o Imperador, por um Médico seu, e alguns Sacerdotes dos Idosos contra os Religiosos, foram presos Todos, que eram em número seis, com quinze terceiros, e três seculares mais, naturais todos do Japão; e sentenciados à morte na Cidade de Meaco, depois de quase dois meses de cárcere, e cortada a cada um a orelha esquerda, e levados a correr as ruas açoitados áspera e afrontosamente com as mãos atrás; dali os conduziram atropelados, e em tempo de inverno por mais de cem léguas de caminho à Cidade de Nagasáqui, donde os crucificaram, trespassando com duas lanças a cada um. Estando já na sua cruz o Beato Gon-

çalo Garcia, e tocando-lhe por sorte o ficar no meio daquele triunfante exército, era, o que as vozes pregava a todo aquele povo assim Cristãos como Gentílicos; a estes advertindo-lhes os erros em que ficavam, e áqueles, admoestando-os à perseverança da fé; e ao tempo, que o trespassaram com aquelas lanças, foram estas as últimas palavras, que proferiu: "Senhor havei misericórdia de mim" Também se acha, que no tempo, em que estive no Japão o Beato Gonçalo Garcia, escrevera várias Epístolas áqueles Cristãos, que andavam espalhados por aquelas Ilhas, cheias de fervor, e zelo do seu abrasado espírito, por cuja causa, o Padre Salmantino o põem em o número dos Escritores no 2o. Tomo da sua Biblioteca Germânica Franciscana na letra G. Foi o mártirio deste Santo a cinco de fevereiro, do ano de 1597, e daí a trinta anos, no de 1627, foram declarados todos verdadeiros mártires por Bula do Sumo Pontífice Urbano VIII no quinto ano de seu Pontificado. Consta todo o referido do Breviário, e Martiriológico Seráficos, Hagiológico Lusitano com mais de trinta Autores, lá apontados.

Do que fica dito, já sei, que o que só se duvida agora, é da cor do Mártir do Beato Gonçalo Garcia; porque dizendo os Escritores todos, que era natural de Baçaim, se acrescenta agora, que era da cor preta, e talvez dirão que só a fim de fazermos Pardo ao Beato Gonçalo Garcia, como descendente de preto, e branco. Como este é o ponto principal, e todo o tropeço do nosso discurso, para procedermos nele com a clareza necessária, e distinção possível havemos definir primeiro, que coisa seja Pardo, não só neste sentido, mas também no comum, e vulgar do Povo.

Pardo em termos vulgares, diz o Padre Dom Rafael Bluteau no seu Vocabulário da Língua Portuguesa na letra M. Mulato é aquele que é filho de branco e negro; Pardo, assim como nós o proferimos, diz o mesmo Autor, na letra P; é aquele que nem é branco, nem é negro, mas participa destas cores ambas; e Misto vem a ser o mesmo que Pardo, porque é uma cor meio, que participa de ambas as cores, preta e branca; diz o sobredito Bluteau na letra M.

Que o Beato Gonçalo Garcia seja Pardo por todos estes princípios, que participasse, da cor preta, e branca; em quanto a esta não há dúvida, porque sem contradição dizem todos, que o pai era Português, que participasse da cor preta, por parte da mãe é a maior dificuldade. Sabemos, certamente, que era ela natural de Baçaim, mas também sei, que muitos duvidam, qual seja a cor dos seus naturais. E assim digo, que a cor dos naturais de Baçaim, como de todos os demais da Índia, é a cor preta, e negra; porque são todos negros, e pretos. Para assentarmos por indubitável esta proposição, havemos referir o que dos naturais daquelas terras, e da cor deles, dizem os Escritores; e para isto tudo se perceber melhor havemos fazer um abreviado mapa do que chamamos Índia, especialmente desta de que falamos, seus termos, costas, e divisões.

Dividem os Escritores e Geógrafos a tudo o que se chama Índia em três partes; e deixando a primeira, que chamam Índia Maior, terra firme, ou Império do Mongol, e a terceira, que é uma Península mais Oriental, a segunda que é a de que falamos, é outra Península, a que chamam Ocidental. Começa esta Península, ou ponta de terra com 230 léguas de largo, entre as desembocaduras dos dois famosos rios, o Ganges, que fica para a parte do Oriente, e o Indo, para a parte do Ocidente, e fazendo costa por uma, e outra parte vai igualmente es-

treitando até acabar, com 280 léguas em um cabo, ou ponta, que chamam de Camorim. Corre direita de norte para o sul, ficando-lhe para o sul o cabo, e o golfo para o norte. E deixando as costas que correm pela parte do Oriente, e discorrendo pelos que ficam cá da parte do Ocidente, um dos primeiros lugares começado do norte para o sul, é a cidade de Baçaim, com 16 léguas de costa; daqui passados alguns lugares de menos note, entra o distrito de Goa, que é uma Ilha ao longo da terra com pouco mais de três léguas.

Dos confins de Goa entra o que chamam Reino de Malabar, e Costa da Pescaria, por quase duzentas léguas até o Cabo de Camorim. E que os naturais de toda esta Índia sejam negros, e de cor preta, o dizem comumente todos os Escritores. *Monsieur* de Chevigni Francês, nos seus livros intitulados, Ciência para as Personas de Corte, Espada, e Toga, na tábua, ou mapa de Índia Maior, ou Império do Mongol, falando dos seus naturais, que são os que confinam com os da nossa Índia, diz estas palavras: *Son morenos, pero no tanto como los de las otras costas de la Península Occidental, em cuja comparacion, estos del Mogol se llaman blancos.*

Duas causas temos aqui que notar. A primeira é, que Mogol, na língua daquela gente, quer dizer branco, e por isso aqueles por se terem por brancos se chamam Mogóis. A segunda é, que a estes, que lá se tem por brancos chama este Autor, e outros muitos, Morenos. E se quisermos saber, que cor é esta de Moreno, dirá o Vocabulário português, que Moreno é aquele, que tem a cor escura, e quase negra, que em latim é *Sub Niger*: tão bem se deve aqui advertir, que estes Morenos, que são quase negros, são os que lá chamam brancos, e isto a respeito dos da nossa Índia, que ainda são mais negros. Agora quisera, me respondessem sem paixão; Para um Moreno destes, que é quase negro se chamar branco a respeito de outro, que é mais negro, que cor há de ser a deste mais negro? É sem dúvida, que há de ser negro, e muito negro. Pois esta era a cor da mãe do Beato Gonçalo Garcia, natural da Cidade de Baçaim lugar principal da costa da nossa Índia.

Dom Francisco Giustiniani no seu Atlas abreviado no Mapa da nossa Índia descrevendo-a diz assim:

Está situada entre los sete y 22 grados de longitud Septentrional, por cuya causa el ayre es estremadamente quete, y sus naturales mäs negros, que los del Indostan, ou Mogol.

Os do Mogol são Morenos, e quase negros, os da nossa Índia são ainda mais negros, bem se deixa ver, que são negros, e muito negros, Dom Francisco de la Torre, no seu Athlante Peregrino, Vida do grande Padre S. Francisco Xavier, falando da entrada, que este Apóstolo das Índias fez na Cidade de Goa, e descrevendo os seus naturais, diz estas poucas, e elegantes palavras: *Son Negros, por ser blanco a los tiros del sol.* O autor do Oriente conquistado na 1. p. a folha 100 diz, que no Seminário de Goa, se criavam noventa meninos entre brancos e pretos; esses pretos são os naturais da terra.

De Goa para diante entra o que chamam Reino de Malabar, por quase 200 léguas até o cabo de Camorim; e todos estes Malabares, dizem geralmente os Escritores, todos são negros, e os mais negros de toda a Índia. Seja o primeiro o nosso Homero Português, pois foi não só dos primeiros, que os descreveu, mas

como que escrevia pelo que tinha visto. Fala ele na oitava 93 do Canto 8 das suas *Lusíadas*, de um catual, que é dos primeiros Ministros do Rei de Calecut, o qual teve como preso, ou retido, dia e meio, ao grande Vasco da Gama, e diz assim: *Concertam-se, que o Negro mande dar*: Negro, diz, que era este Malabar, e pessoa principal daquele Reino. Por negros os trata também a todos estes Malabares o P. Alonso de Sandoval, em várias partes do seu tratado *De instauranda Aethiopia Salute*, com vários Autores por ele citados, baste por todos a Autoridade do mesmo Apóstolo das Índias S. Francisco Xavier, em o Cap. de sua carta, que este Santo escreveu da Cidade de Cochim ao seu glorioso Patriarca S. Ignácio em 15 de janeiro de 1544, vão as palavras do Santo falando dos Naturais do Malabar:

Também perguntaram se Deus era branco, ou negro, pela diferença de cores, que viram nos homens, e porque aqui todos são negros.

São palavras de São Francisco Xavier. E de caminho se deve aqui advertir, que destes negros da Índia, e não dos da África é, que se diz, que estimam tanto a sua cor preta, que até aos seus ídolos, e Deuses pintam negros. E se os naturais da Índia, e de todas as suas costas são negros todos, e todos da cor preta, desta cor há de ser também a mãe do Beato Gonçalo Garcia, pois, é natural de Baçaim, cidade principal da costa da Índia.

Do que fica dito já podíamos concluir que o Beato Gonçalo Garcia é Pardo legítimo por natureza, e descendência; pois participa por uma parte da cor branca, e da preta pela outra. Mas, porque me parece, ouvir dizer a alguém, que o Pardo para se ter por legítimo, não só há de descender de negro, mas de tal negro, que além da cor preta, há de ter de mais duas propriedades, uma, que há de ter o cabelo retorcido, ou demasiadamente crespo, a outra que se há de poder chamar Etíope, isto é, que há de ser natural da Etiópia. Os da Índia dizem estes duvidosos, nem são Etíopes, nem têm o cabelo retorcido, logo, ainda, que tenham a cor preta, nem por isto se devem ter própria, e rigorosamente por negros, e assim o Beato Gonçalo Garcia, ainda, que descenda de um destes da Índia, da cor preta, nem por isto se pode dizer, que, é Pardo com propriedade.

A isto se responde que esta dúvida só vem a fazer nos mais dilatado este discurso e a obrigar-nos a mostrar com maiores razões como os naturais da Índia são própria e rigorosamente negros; não só pela cor preta, mas pelos mesmos princípios que querem os duvidosos. E assim digo, que a sua dúvida não tem força alguma, porque se funda em princípios falsos. O primeiro, é supor que os cabelos retorcidos, ou demasiadamente crespos não de tal sorte conaturais a Todos os negros, que não haja negros, naturais sem cabelos retorcidos, o que é falso, porque os há.

Em Moçambique pela terra adentro, diz Fr. João dos Santos na sua *Êtiópia Oriental*, citado pelo Padre Sandoval (Sandoval livro I. Cap. 2 folha 15. *Ibid* cap. 8 folha 29.) é uma nação de Etíopes, a que chamam Machacatos, e habitam nas Cidades de Brava, e Magadacho, os quais, dizem estes Autores, são negros como azeviche, e têm os cabelos lisos, e corrediços e nem por isto deixam de ser negros, são Etíopes verdadeiros. E nas Índias, nas Ilhas Filipinas, e Molucas, diz o mesmo Sandoval há negros com os cabelos tão engrenhados, e retorcidos, como os de Guiné, e mais não são naturais da África, ou Etiópia. Donde se segue,

que os cabelos retorcidos não são de tal sorte conaturais a Todos os negros, que se não achem negros naturais sem cabelos retorcidos; e assim os da Índia; ainda que não tenham Todos, e de todo o cabelo retorcido, não deixem por isto de ser rigorosamente negros. Ouçamos aqui umas palavras de Herodoto, que traz o Padre Vieira na sua História do futuro, tocando, ainda que a outros intentos, este mesmo ponto; e ficará mais evidente, o que íamos dizendo. *Hi Ethiopes, qui sunt ab ortu Solis sub Pharnarzatre censebantur cum Indis Specie nibil admodum caleris differentes, sed sono vocis duntaxat at que capillatura; nam A Ethiopes, qui ab ortu solis sunt per mixtos crines; qui ex Africa crespissimos inter homines habent.* Não se podia dizer, nem mais, nem melhor para o intento. Diz que na Índia, que é parte da Ásia, também há negros, ou Etíopes, assim como na África; e que só se distinguem uns dos outros, no som da voz, e nos cabelos; porque os da Ásia, ou da Índia, têm o cabelo entre crespo, e solto; e os da África muito crespo e retorcido; e assim fica bastantemente claro, e entendido, que os da Índia ainda que não tenham todos e nem de todo o cabelo retorcido, nem por isto deixam de ser rigorosamente negros.

A segunda suposição, que fazem os duvidosos, é entenderem que os Negros se chamam Etíopes, por serem naturais da Etiópia, e daqui se segue também terem para si, que a Etiópia é a que deu aos Negros o nome de Etíopes, o que tudo é erro. Porque devem saber, que os Negros se chamam Etíopes pela mesma razão de serem Negros, e como Negros, ou Etíopes, eles foram os que deram o nome à Etiópia. Plínio diz que a Etiópia se chamou assim, de um filho de Vulcano chamado Etíope, que reinou na África muitos anos; e já por aqui se vê, que em etíope foi o que deu nome à Etiópia. Melhor o diremos com a Sagrada Escritura, e Santos Padres. Assentam todos, que os primeiros habitadores da Etiópia foram os Negros descendentes de Cuch filho de Cam. Cam quer dizer Negro, ou negrura: *Cham id est, nigrudo, seu niger*, e negro na língua Hebréa, é o mesmo, que Etíope na Latina; porque os Hebreus chamam Etíope ao que tem a cor negra, e preta: *Niger id est Ethiops*. São Jerônimo, Josepho, Isidoro, o Tostado com os setenta Intérpretes diz Alapide, afirmam que aquela parte da África, que estes descendentes de Cam Cuch, povoaram, se chama Etiópia ou Chufia, porque estes fundadores se chamam Chufios, ou Etíopes. Etíopes porque eram negros e pretos na cor; e Chufios como filhos, e descendentes de Chus: *Filii aut Cham* diz o Sagrado texto; Chus, acrescenta Alapide; (Alapide in Gen. c.10 v.6) *ab hoc orti sunt Ethiopes qui hinc se sua lingua Chufius Vocât; Chus enim filius Cham, qui nomen dedit Ethiopie*, (Id. in Soph. c-3 v.10) diz o mesmo Alapide em outro lugar.

Daqui se vê, claramente, que os Etíopes foram os que deram o nome à Etiópia, e não a Etiópia aos Etíopes, e que os Negros se chamam Etíopes não por serem da Etiópia, se não porque, são pretos, e negros na cor: *Niger, id est Ethiops, Chus, qui nomen dedit Ethioptiae*. E por estas razões, conclui o Padre Sandoval: convém chamemos a Todas as nações de cor negra, Etíopes; e assim este Autor falando de várias nações de negros, que diz há não só na Etiópia em África, mas na Ásia, na Arábia, na Índia, e na nossa América (Sandoval lib. I cao I folha 3 & seg.) donde diz há também nações de negros, a todos chama Etíopes. E se o negro para ser próprio, e rigorosamente negro, nem é necessá-

rio, que seja natural da Etiópia, e nem que tenha cabelos retorcidos, porque basta só, que seja preto na cor, para se chamar com propriedade negro; os naturais da Índia, ainda que o não sejam da Etiópia, e nem tenham Todos os cabelos retorcidos, são negros naturais, e Etíopes verdadeiros, porque têm, o que lhe basta para isto, que é serem pretos na cor; e por consequência o Beato Gonçalo Garcia, porque descendente de um preto destes com branco, é Pardo legítimo por natureza.

Mas; porque desejo nesta parte deixar de todo satisfeitos a estes duvidosos, digo mais; a mãe do Beato Gonçalo Garcia, como todos os demais da Índia não só são Etíopes legítimos por serem pretos na cor, mas também são Etíopes Verdadeiros, porque são também naturais da Etiópia.

Para, o que devem saber, que a primeira parte do mundo, que teve o nome de Etiópia foi a Índia Oriental. Assim o disseram S. Epifânio, e Anastácio Nicesteno citados pelo Doutor Solorzano no seu primeiro Tomo do *Jure Indiarum* a fol 6, § 50, falando desta Índia Oriental, de que nós agora com ele também falamos:

Totam hanc Indiam Orientalem de qualoquimur, magnam Ethiopiam appellant, & satis apposite. Notem bem estes termos: *Satis apposite*: Que querem dizer, que os que chamam à Índia Oriental Etiópia o fazem com muita propriedade, e acerto:

Satis apposite.

E se isto parecer muito, muito mais há de parecer, se nós dissermos mais, e é o que se vai seguindo; que a Índia Oriental é aquela Etiópia dos Antigos tão celebrada nas Divinas letras, da qual diz o Profeta David, foi a primeira, que as mais partes do mundo no conhecimento de Deus feito homem: *Ethiopia perveniet manus ejus Deo: id est prima veniet*, acrescentam os Sagrados Expositores. Pois saibam que esta Etiópia, que dizia David havia ser a primeira no conhecimento de Deus feito homem, é a Índia Oriental. Assim o traz o Padre Lebranc sobre o *Vers. 11 do Salmo 72. Et adorabunt cum onines Reges terrae*, acarretando para aqui o versículo falado: *Ethiopia praevenit manus ejus Deo*, e justamente o v. 10 do cap. 3 de Sofonias: *Ultra flumina Ethiopiae*, donde diz, que por esta Etiópia, entendem Arias, Vocabulo e o Caldeo a Índia: Arias, *Votablus, & Chaldeus intelligent ibi Indiam*. E mais largamente o tinha já escrito antes o P. Alapide| sobre este mesmo vers. de Sofônias; donde diz, que o Caldeo em lugar do vers. *Ultra flumina Ethiopiae*, poem *Ultra fluvios Indiae*, e que estes Autores Todos juntos com a Castro, de tal sorte entendem por esta Etiópia da Escritura a Índia Oriental, que a estendem até o Japão, e a China: *Alii, diz Alapide, Quibus favet à Castro putant hic notari Indiam Orientalem, usque ad Japoniam, & Chinam*; Não se podia estender mais, porque não havia mais para onde estender. E daqui se ficará também entendendo, que o primeiro Etíope, ou negro, que por esta Índia Oriental, ou grande Etiópia rendeu vassalagem a Deus feito homem, foi Gaspar terceiro Rei dos Magos, que duvidando-se muitos séculos donde fosse, depois que os nossos Portugueses entraram na Índia se sabe certamente era seu natural, e Rei de Crangranor na costa do Malabar.

E se acharem isto muito, muito mais acharão ainda se nos formos dizendo, porque assim se vai seguindo, que primeiro houve negros na Índia, do que os

houvesse na África, e que da Índia é, que vieram os primeiros negros para a África.

Assim o traz o Padre Leblanc no lugar já citado pouco adiante vão as suas palavras: *Adde quod Ethiopes Filius Chus quidam Velint olim ad Indim flumen habitasse, relictisque, sedibus suis Juxta Egyptum confedissee inter Nilum, & Oceanum supra Heliopolim, & inde paulatim ad interiora Africae penetrasse.*

Quer dizer que os Etíopes, ou negros filhos, ou descendentes de Cuch saindo de suas pátrias fizeram a sua primeira habitação na Índia às margens do seu rio, e saindo daqui se partiram para o Egito, e fizeram o seu assento entre o rio Nilo, e o mar oceano sobre a cidade de Heliópolis, e daqui pouco a pouco se foram espalhando por toda a África. Não cita este Padre Autores, talvez por julgar ser opinião provável; mas o Doutor Solorzano achamos, os que bastam para a probabilidade desta opinião; foi o primeiro, que a escreveu, ou dos primeiros Herodoto, e depois dele Eusébio, e Torquemada, concordando, em que esta passagem dos Negros da Índia para a África, ou Egito aconteceu no ano da criação do mundo de 3.580. *Juxta hanc a Egipti Assiaticam partem a Ethiopes ab Indo flumine Consurgentes, consedissee, anno mundi 3.580, ut post Herodotum tradidit Eusebius, & Torquemada (solau, ib 5 48).*

E se conforme a vontade dos duvidosos Pardo legítimo, é aquele só, que é descendente de branco, e negro, e tal negro, que se possa dizer, que é Etíope, ou natural da Etiópia; sendo a primeira Etiópia, que houve no mundo a Índia e sendo os seus naturais sempre Etíopes, ou negros desde o seu principio, bem dizia eu, que vos havia mostrar hoje como o Beato Gonçalo Garcia é Pardo legítimo por natureza, e descendência, pois é descendente de um Português branco, e de uma Etíope, natural de Baçaim, na Índia, que foi a primeira Etiópia dos antigos: *Totam hanc Indiam Orientalem magnam A Ethiopiam appellat; & satis apposite.*

Suposto está bastantemente provado, que os naturais da Índia são negros; e Etíopes, não só pela cor preta, mas também pela natureza, como descendente de Cuch, filho de Cam, como me podem ainda alegar, que dado caso, que assim fosse naqueles principios hoje já não é assim, porque ainda, que pela costa de Malabar, cabo de Camorim, e outros lugares hajam ainda destes negros, como também na Ilha de Ceilão, e outras muitas das Molucas, e Filipinas, com tudo dos Confins do Malabar, correndo a costa de Goa até Baçaim, e para diante consta de pessoas, que por elas têm andado, que os seus naturais hoje, e já no tempo, que os Portugueses que entraram na Índia não eram absolutamente negros, e pretos, mas trigueiros, baços ou morenos, que assim os tratam também alguns Escriitores; e vulgarmente lhes chamam alguns Cafres, ou Canarins, e não Negros. E assim parece, que debalde tem trabalhado o nosso discurso, em querer fazer aos da Índia todos Negros. Ouçam a resposta, que poderá ser fiquemos ainda melhor.

Digo pois, que estes baços, ou morenos, que não são absolutamente pretos, senão devem chamar Cafres, ou Canarins, porque isto é erro do vulgo. Canarim, conforme aos mesmos naturais da Índia, quer dizer, o que é natural de Canará que é uma Província, ou Reino, que fica entre os confins de Goa, é principios do Malabar pela terra adentro, cuja cidade principal se chama Canará. Vejam

ao Padre Bluteau no seu Vocabulário. Também se não devem chamar Cafres os naturais da Índia, porque, conforme ao mesmo Bluteau, Cafre, vem da palavra, Árábica: Cafir, que quer dizer, *homem sem lei*, e este nome Cafre se dá somente pelos Escritores a uma nação de negros, que habita na costa da África pelo Cabo da Boa Esperança até quase Moçambique, chamada Cafraria, ou Província, e Reino do *Monomotapa*; e daqui vem que os naturais da Índia, quando lá aparece algum negro da África, a estes é que chamam Cafres, porque os da Índia se tem ainda por mais negros, do que os próprios da África.

Também é necessário advertir aqui e alguém, que ouvindo dizer, que o Beato Gonçalo Garcia era índio, entendeu, seria algum Indivíduo dos Tapuias da nossa América; porque a estes chamam também índios, ainda que com pouca propriedade, porque como nota certo Escritor, impropriamente se chamam Índias as terras da América; porque Índias somente se entendem as Orientais, (Correa sobre a it. 2 do Cant. 1 de Cam. 8 ult.) ditas assim em razão do rio Indo, que as rega, e parece não podem ser muito congruência entre si estas duas partes da terra, sendo tão diferente uma da outra, quando vai do Oriente ao Ocidente. Do princípio ao fim do mundo. E sendo os naturais de ambas tão diferentes em tudo, que até o são nas cores, os da América Vermelhos, e os da Índia negros.

E se me perguntarem o como devemos chamar a estes da Índia, que não são totalmente negros, mas baços, ou morenos digo que os havemos chamar mistos, pardos, ou mulatos, porque está em termos Portuguezes é a cor dos baços ou morenos da Índia. Também temos Autores, que assim o escrevem. O nosso Homero Português na oitava 100, do Canto 10, falando das Arábias, e descrevendo os seus naturais, diz assim: *Olha as Arábias três, que tanta terra Tomam todas da gente vaga, e baça*; Manuel de Faria, e Sousa, explicando esta cor baça, ou morena dos naturais da Arábias, diz: *Quiere dizer, que la gente dessas partes, es de color ni blanca, ni negra, que en Portugal lhamamos Pardo, ó Mulato, porque se lhamam mulatos los hijos de negro, y blanco*. Daqui devemos notar mais, que a cor morena, ou baça, não é outra mais, que a mista, ou parda; e parda legítima, porque diz este Autor, ou dá entender, que assim a parda, como a morena de cor mista, que procede de branco, e preto. Melhor o diremos ainda com Autores, que falam determinadamente dos baços, ou morenos da Índia.

O Sandoval já alegado aqui tantas vezes no lib. 4 cap. 3 pag. 11. falando da estimação que a Sagrada Companhia de Jesus fez de ser nomeada pelos Sumos Pontífices, e Reis de Portugal para o emprego da conversão dos negros da Índia, diz estas palavras: *Estimo-lo tanto, que senalo para el, y para la Mission de la India Oriental, cuyos naturales (reparem aqui) son Todos, ó negros, ó mulatos, como lo dizem graves Authores*. E no mesmo lib. 4 cap. 7 pag. 44 falando dos naturais das Muluças; torna a dizer: *Y que estos sean negros, deixando parte lo que dizem los que escrivem las cosas de la India Oriental, que sus Naturales Todos, o son negros, o mulatos* (Horat. Truxechain lib. 2 cap. 1 Franc Martin p. 39 Luceu 1. 1. C II.) Eis aqui temos com toda a clareza como a cor, morena dos naturais da Índia, não é outra mais que a Parda, de que falamos, e Pardo legítima, porque aqueles Morenos da Índia vêm por descendência direta da cor bran-

ca com a preta. E se quiserem averiguar esta razão, é deduzida, do que da Índia, e dos seus naturais, dizem os Autores, que deixamos referido.

Dizem que a Índia é aquela grande, e primeira Etiópia dos Antigos; dizem, que os Etíopes, ou Negros, primeiro habitaram na Índia, e depois se passaram para a África; e o que daqui se segue é, que os da Índia, que não forem negros, hão de ser pardos, ou mulatos legítimos por descendência.

E a razão é concludente. Porque ainda que da Índia vieram os primeiros negros para a África, não era possível passassem todos, de tal sorte que não ficassem muitos, e a maior parte deles; porque, além de estarem espalhados pelas três Índias e muitas Ilhas, os que falam nesta retirada, só dizem, que passaram para África, os que habitavam as margens do rio Indo. *Ab Indo flumine consurgentes*, que é donde tem princípio as Índias. Também é provável, que com a saída dos negros do rio Indo para a África, haviam ser povoadas aquelas ribeiras de gentes estrangeiras, e brancas, estas haviam entrar pelas Índias adentro, e comunicando-se com os mais negros, que ficaram, daqui resultou aquele misto, ou terceira espécie, que alguns Escriitores chamam morenos, outros, baços, e outros com mais propriedade dizem pardos, ou mulatos, como descendentes de preto, com branco.

E é tão natural este discurso, que os que habitam mais para a terra adentro, e da Península, e costas da nossa Índia, que correm para o sul, e Cabo de Camorim. Ilha de Ceilão, e outras mais, que lhe não era tão fácil a comunicação como aquela gente branca, que entrou pelo rio Indo, são ainda hoje, tão negros, e pretos, como dantes o eram; e os que ficavam para as margens do Indo, e terra intermédia, como os do Mogol, e alguns da nossa Índia, que podiam mais facilmente comunicar-se com aquela gente branca estrangeira, estes são os que hoje chamam morenos, baços, pardos, ou mulatos, como misturados de negro, e branco. E este é o fundamento todo, com que dizem estes Autores, que os naturais da Índia, são todos, ou negros, ou mulatos; mulatos os que procedem daqueles negros, que se misturaram com brancos, e negros os que não entram naquela mistura.

E quem haverá ainda tão cativo da sua vontade, que vendo o que dizem estes Autores, possa duvidar mais, que o Beato Gonçalo Garcia, como natural que é da Índia, seja pardo, legítimo por natureza, e descendência?

Até agora podia-se ser por um só princípio; agora já o pode ser por dois; até agora, podia ser pardo sendo os naturais da Índia todos, e somente, negros, e sendo ele descendente de um destes com branco: agora já o pode ser também, sendo os naturais da Índia, que não forem negros, mulatos, ou pardos; pardo, e mulato, há de ser também o Beato Gonçalo Garcia; pois o que descende de mulato, ou pardo com branco, é pardo, e mulato.

E fiquemos nisto; ou me hão de conceder, que os naturais da Índia são Todos negros, ou que são negros, e juntamente mulatos outros; e de qualquer sorte, que seja, sempre o Beato Gonçalo Garcia fica sendo mulato legítimo, como descendente de negro, e branco.

Assentado assim com tão sólidos fundamentos, que o Santo Gonçalo Garcia é Pardo legítimo por nascimento, e descendência, é tempo já de beatificarmos a sua cor, e declaramos, que é também bem-aventurada, e dita como as mais, e mais ainda.

As cores, que têm, e teve sempre opostas à sua cor parda, foram a branca, e a preta, o que tem feito ditosas, e bem-aventuradas estas duas cores, foram os povos, e Nações, de que cada uma delas tem sido princípio e origem; os Príncipes, Reis e Monarcas, que dominaram estes povos, as Pessoas grandes; e assinaladas em todos os estados, e Hierarquias, e porque assim a cor branca, como a preta tenham para si, que tudo isto faltava na cor parda, este era o motivo de a terem por menos ditosa, e bem-aventurada. Mas enganava-se certamente assim a cor branca, como a preta, porque a cor parda em tudo isto tem sido, não só também bem-aventurada, e ditosa como elas, mas ainda alguma cousa mais.

A cor parda também tem sido princípio, tronco, e origem de povos, e nações inteiras. Todos sabem que os Ismaelitas, Agarenos, ou Mauritanos são descendentes de Ismael. E também devem saber, que desta nação está tão, cheio o mundo, que ela só ocupa toda a Ásia, maior parte da África, e muita da Europa, sendo quase assentado, que esta só gente excede em número, e multidão aos da cor branca, e preta.

Vendo-se assim cumprida nela aquela promessa, que repetidas vezes fez Deus a Abraão sobre Ismael, que tal sorte multiplicaria a sua descendência, que dele nasceriam doze Capitães, e se faria daqui num povo tão grande, que se não poderia numerar: *Super Ismael quoque exaudivi te; multiplicabo eum valde. Duodecim Duces generabit, & faciem eum in gentem magnam.* (Gen. 13-20.) Disse Deus uma vez; e outra disse: *Multiplecans multiplicabe femem tuam . . . & nom numor abitur prae multitudine.* (Gen. 16.20.)

E quem era este Ismael? Ismael era um homem de cor Parda, e Pardo legítimo, porque era filho de Abraão que era branco, e de Agar sua escrava, a qual era preta, e negra por nascimento, porque era natural do Egito, como dizia Sara falando com Abraão sobre Agar: *Habens ancillam Egyptiam nomine Agar.* (Gen. 16.1.) E que os Egípcios, por natureza, e descendência sejam negros, é opinião comum dos Sagrados. Expositores; porque dizem, que os primeiros habitantes do Egito foi Mefraim com seus descendentes, e por esta causa, o Egito na língua Hebréa, se chama Mefraim, e ainda hoje os Árabes, e Turcos, chamam ao Egito Mefra; e Mefraim, consta do Sagrado texto era negro, porque era filho segundo de Cãm.

Filii aut Cham, Chus, & Mefraim, diz o texto, e acrescenta Alapide: *Mefraim, ab habitata, & propagata est Egyptus, quae inde Hebraice Mefraim vocatur, & etiam nunc ab Arabibus, & Turcibus vocatur Mefra.* (Gen. 10.6.) E aqui temos Ismael Pardo legítimo, como descendente por uma parte de branco, por Abraão, e pela outra de negro por Agar. E por aqui temos a cor parda, não só tão bem-aventurada, e ditosa, como a preta e a branca, pois como elas tem sido tronco, e origem de Povos, e Nações inteiras, mas ainda mais, pois esta só gente Parda por Ismael, excede em multidão a branca, e a preta.

A outra dita, e bem-aventurança da cor branca, e negra, consiste nos Reis, Príncipes, e Monarcas, que cada uma teve e tem nestas gentes, que delas procederam.

Também, por aqui a cor parda é tão ditosa, e bem-aventurada como elas, e ainda mais. Tanto; porque a cor Parda, nesse Povo, que dela saiu tem tido muitos, e muitos Reis; e só Ismael, consta do Sagrado texto, teve doze filhos,

nomeados aí por Capitães, e Príncipes: *Duodecim Duces generabit: Duodecim Principes tribuum suarum*, e diz Josefo que todos estes foram Reis, porque saindo Ismael com sua mãe Agar desterrado da casa de Abraão seu pai, viera ter ao Deserto de Farã, como consta do texto, e casando aí, com uma mulher natural do Egito; *Habitavitque in deserto Pharân, & accepit illi mater sua uxorem de terra Egypti*, (Gen. 31. v. 21.) e desta tevelaqueles doze filhos, os quais espalhados por toda a África, foram nela Reis, e dominaram várias províncias; e daqui se tem espalhado por quase todo o mundo; (Josef. lib. 1. cap. 21 de Antiq.) com o nome de Ismaelitas por Ismael, Agarenos por Agar, e Mauritanos da palavra Grega Maurou, que quer dizer, causa quase negra, e queimada, por eles serem desta cor. E por estes Reis e outros muitos, que tem tido a cor Parda, é tão bem-aventurada, e ditosa como a preta, e a branca, e ainda mais, porque os primeiros Reis, Príncipes, e Monarcas, que houve no mundo assim entre os da cor branca, como da preta, foram da cor parda; parece-me, que o hei de mostrar, nenhum com certeza, outro com probabilidade.

Da criação do mundo até o tempo do dilúvio, na computação do Alapide, correram 1656 anos. (Alap. sup. Gen. cap. 5 v. 3.) e em todo este tempo, não consta do Sagrado texto, ou de Autor algum houvesse filho, ou descendente de Adão, que dominasse na terra com título de Rei, e Senhor absoluto; porque cada um governava a sua família como Pai, e cabeça dela; veio o dilúvio, e ainda se passavam 170 anos sem que no mundo se ouvisse o nome de Rei; mas neste mesmo ano, estando já Noé com todos os seus filhos retirados para o campo de Senaar, entre o rio Tigre, e Eufrates, para onde vieram no ano de 131 depois do dilúvio, e tendo dado princípio à fundação da Cidade de Babilônia, e Torre de Babel, Neurod, principal agente de toda esta máquina, começou a mostrar-se poderoso na terra, a dominar aquele Povo, e a fazer-se senhor dele, até que no ano 184 do dilúvio, estava reconhecido, e adorado, de todos como Príncipe, Rei, e Monarca absoluto; *Neurod, ipse caepit este potehs in terra: fuit Babilon principium Regni ejus*: (Alap. sup. c 10): diz o texto, e o Alapide diz: *Prinus o in orbe Princeps, & Rex fuit Neurod*. E quem era Neurod? Neurod era um homem de cor Parda. Assim, o podemos tratar com boa probabilidade, porque Neurod era filho sexto de Chus: *Porro Chus genuit Neurod*, (Gen. 10) e já por aqui temos a Neurod com uma parte de preto por seu Pai; e que tivesse outra parte de branco por sua Mãe, provavelmente se pode afirmar; porque, ainda que não achamos quem fosse a mulher de Chus, e mãe de Neurod podemos discurrir era de cor branca, e descendente dos dois Irmãos de Cam, que eram Sem, ou Jafet; porque Chus, como filho primeiro de Cam, e o primeiro, que por castigo do Pai saiu da cor preta, não podia com o primeiro, ter outra da sua cor com quem casar; porque para ser de sua cor, não podia ser senão filha do mesmo Cam, e irmã de Chus; e não consta do texto, e nem de Autor algum, que tenhamos notícia, que houvesse esta irmã de Chus, ou filha de Cam, e nem dado caso, que a houvesse, podíamos afirmar, que Chus tomasse por mulher uma sua irmã, em tempo que havia mulheres de outra geração mais remota, como eram as de Sem, e Jafet de cor branca; provavelmente podemos dizer, que Neurod, porque, por uma parte participava da cor preta por seu pai e pela outra da branca por sua mãe, era um homem da cor parda, e este o primeiro Príncipe, Rei e Monarca,

que houvesse no mundo, assim entre os da cor preta, como da branca, que todos se achavam ali juntos, porque isto tudo aconteceu, antes da confusão de Babel, e divisão das gentes. Este foi o primeiro Rei, e Monarca, que achamos ser da cor parda com discurso provável; e com certeza, ainda temos mais.

Reinando em Jerusalém, Salomão, filho de David, levada da fama da sua sabedoria, veio a vê-lo, e ouvi-lo a Rainha de Sabá, a esta recebeu também Salomão por mulher, como Rainha, e teve dela um filho, que lhe nasceu estando já retirada na sua Corte, e lhe pôs o nome David como seu avô, este Príncipe sendo já de vinte e um anos, e desejando ver seu pai, e tomar-lhe a bênção, veio a Jerusalém, e Salomão, não só o reconheceu por filho, mas com todas as cerimônias, e insígnias reais o fez coroa no templo por Rei, e Imperador da Etiópia, e foi o primeiro, que ali houve, porque até então se governava aquele Povo só pelas suas Rainhas sem admitirem os varões à sucessão. Agora pergunto: e que casta de homem era esta? Seria da cor branca, ou da preta? Não era senão da parda; e pardo legítimo, porque era filho de pai branco, que era Salomão, e mãe negra, que era a Rainha de Sabá, e negra natural de Etiópia, na opinião de muitos.

E que dirá agora a isto a cor preta? Que há de dizer, que ouve agora, o que nunca cuidou ouvir.

Que um pardo, ou mulato, como eles dizem, fosse não só Rei, e Imperador dos negros, mas o primeiro Imperador, e Rei que tiveram, e na sua própria terra, e pátria dos mesmos negros. Que dirá a cor preta? Não tem outro refúgio, mais que apelar para a dúvida, e dizer, que como isso não consta da Sagrada Escritura, e nem é mistério de fé, não estão obrigados a dar-lhe crédito. Mas saiba, que tem contra si muitos, e graves Autores, e maior de todos a mesma tradição antiga, pela qual consta, que muitos dos Imperadores da Etiópia tiveram o nome de David e todos até o presente nas suas escrituras se tratam por filho de David e Salomão, e assim o fazia um deles, que no ano de 1507 mandou uma Embaixada ao Papa Clemente VII, e a El Rei de Portugal D. Manuel, jactando-se este, e todos eles, da Real regalia desta descendência. E aqui temos a cor parda, não só tão ditosa, e bem-aventurada, como a preta, e a branca, pois como esta, teve Reis, e muitos Reis; mas ainda muito mais bem-aventurada, e ditosa, pois os primeiros Reis, e Monarcas, que houve entre os da cor branca, e preta, foram da cor parda.

Dos Príncipes, e Reis se seguem os Generais, Governadores, Mestres de Campo, e mais postos da Milícia, e sem sairmos do nosso Brasil, e ainda de Pernambuco podíamos fazer de todos uma boa lista, se assim como lhe sabemos os nomes não acharemos alguns com cores mudada.

Na hierarquia Eclesiástica também tem a cor parda sujeitos assinalados. Sacerdotes sem-número, Curas, Vigários, e outros ainda de maior hierarquia também sem irmos muito longe de Pernambuco, podíamos de todo fazer um catálogo muito bom, uns, que conhecemos, outros, que talvez se não conheceram.

Nas letras não menos tem a cor Parda homens dignos de se nomearem. O Padre Manoel Gonçalves, natural de Pernambuco, Doutor formado pela Universidade de Coimbra, aplaudido na Corte, e de quem El-Rei D. Pedro fazia muitas estimações, e pela sua virtude, e humildade foi prática, não quis este

Clérigo admitir a de o querer aquele Rei nomear Bispo, para São Tomé. Domingos de Sá e Silva, também de Pernambuco, Doutor em ambos os Direitos pela mesma Universidade, advogado da Casa da Suplicação, e geralmente celebrado por Doutor, e buscado das primeiras pessoas para as dependências das suas causas; e outros muitos Letrados, e Doutor assim nas letras humanas, como Divinas.

Na virtude, e Santidade, que é o principal objeto deste discurso; tem a cor Parda sujeitos ainda de maior distinção. E sem saírmos da nossa América temos aqueles, que bastam para crédito da mesma cor. E deixando alguns mais modernos, como um Irmão Inácio, mui celebrado nestes nossos tempos na cidade da Bahia, donde faleceu o ano passado, não deixaremos de fazer particular memória do Venerável Padre Pedro Soares Pereira, natural do Rio de Janeiro, que desaparecendo daquela terra, sem se entender para onde, se soube depois fora achado em lugares desertos da cidade de Gênova na Itália, morto, e de joelhos, e com um papel na mão, em que dava notícias de quem era, e de onde natural, e nesta mesma postura se conserva na Sé de Gênova; consta o referido, de um sumário que destas partes se mandou tirar ao Rio de Janeiro, foram Juiz, e Escrivão dele o Padre João de Barcellos Machado, Vigário no Rio, e o P. Bartolomeu de França, Cura da Sé.

O Venerável Fr. Martinho Donato, Professo de meu Patriarca S. Domingos, na cidade de Lima, Reino do Peru da América, assinalado em todas as virtudes, e com excesso na da Caridade, a qual se estendia até aos brutos, e irracionais, são espantosos, por nunca ouvidos os prodígios da sua Caridade, acham-se escrito na 4a. parte do *Agiológio Dominicano* no dia 3 de novembro.

Na Capitania do Espírito Santo para a parte do Rio de Janeiro, duas mulheres desta vossa cor, uma casada, e outra viúva, as quais em uma guerra que houve entre o gentio com os moradores, foram cativas, e entregues ao maioral deles; e querendo este usar mal delas, em defesa da sua pureza, e castidade foram martirizadas. Teve revelação do seu martírio o Venerável Padre José de Anchieta, da Companhia de Jesus, que se achava dali distante muitas léguas, no mesmo dia, e hora em que sucedeu, que foi a 18 de janeiro de 1560, e ainda para o altar, no seu modo, as beatificou celebrando delas Missa do comum. Assim o traz o Calendário Português.

E quando na virtude, e santidade não tivesse a Cor Parda, mais que o Beato Gonçalo Garcia, este só bastava, para se poder gloriar com ele, tanto como com todos os seus se gloriam a cor branca, e a preta. Melhor o diremos. Até que temos visto, e parece-me que iguais a cor preta, e branca, com a parda; porque, se a dita e bem-aventurança destas duas cores consistia em terem Santos, e por isto motejavam a parda pelos não ter; saiba agora a cor preta, e mais a branca, que a cor parda não só é tão bem-aventurada, e ditosa como elas, pois já tem também Santos da sua cor, mas saiba que ainda o é alguma coisa mais; e saiba, que esta maior dita, e bem-aventurança vem a cor parda, por isso, que é Parda. Porque a cor parda, por isto, que é Parda, é mais perfeita que a branca, e que a preta. Tudo havemos ver sem ofensa das partes, e por princípios, natural, Filosófico, Moral, e Divino, ou da Sagrada Escritura.

É a cor Parda tão perfeita, que todo o fim com que aparece nos homens não é outro mais que perfeição. Começemos por este fim, como princípio, que é desta cor. A cor parda, nos homens resulta, e tem princípio da cor branca, e da preta. E para que, ou com que fim? Não descubro hoje outro mais que afim de aperfeiçoar-se por aqui nos homens a cor Preta. A cor Preta nos homens, como sinal, que é de uma culpa, e castigo de um pecado; (pois na opinião mais conforme as Divinas letras, e texto Sagrado, quis Deus com esta tinta negra, escrever a malícia de Cam, e a maldade de seus descendentes, e distingui-los com esta divisa tão feia, como ignominiosa dos mais filhos de Noé); vem a ser justamente, um borrão da natureza, numa nota infame, e uma mancha disforme. Mas, como a natureza sempre aspira a aperfeiçoar-se, e mais a mais, comunicando-se, ou misturando-se a cor preta, com a branca, por meio da mesma natureza; assim se vai com a branca, aperfeiçoando-se a preta, até tornar ao seu princípio, e ficar no seu natural. E quem negará, que a cor, parda, que resulta assim da preta, e da branca, não aspira a toda a perfeição desde o seu primeiro princípio?

Adiantemos esta natural razão, com outras razões tiradas de princípios tão bem naturais, e ainda veremos melhor esta perfeição da cor parda. De quatro princípios descubro eu agora procedem nos homens e mudança das cores. Primeiro por castigo de pecado; como já notamos em Cam filho de Noé. Segundo, por mudança de clima, ou atividade de Sol, como escrevem alguns dos naturais da África, e os da nossa América. Terceiro; por predominação de algum dos quatro humores como vemos ainda nos mesmos homens da cor branca, uns mais claros, outros baços, e trigueiros outros; conforme em cada um destes predomina mais o sangue, a cólera, ou fleugma, &c. Quarto; por mistura das naturezas, como sabemos, que do branco, e preto nasce o pardo. Mas o que eu aqui agora quero notar, é que nas demais cores a mudança procede de defeito; na parte é para perfeição. Pecou Cam; e ficou negro; predomina o sangue, ou algum, dos outros humores, e ficou com várias cores os homens; intempera-se o Sol, e faz vermelhos, e morenos a outros: misturam-se as naturezas, e sai a cor parda. E quem deixará de entender assim, que nas mais cores, a mudança está mostrando o defeito, de que procede; e que na parda está inculcando a perfeição, a que aspira?

Sendo, como se vê, a cor parda toda perfeição pelo seu princípio natural, entremos por aqui mesmo a realçar a perfeição desta cor; entre a preta, e a branca.

Naturalmente falando, em cor parda tanto mais perfeita, que a branca, e que apresenta que a primeira imagem do homem, que houve no mundo, havendo Deus de lhe dar cor, não quis para isto, nem a preta, nem a branca, se não só a parda. Não se há de negar, que a primeira matéria, e o primeiro princípio natural do nosso corpo foi o barro; e que a este barro assim amassado, e formado em corpo humano, ou figura de homem, lhe pôs Deus por nome Adam, que quer dizer: *vermelho*, por ser este vermelho a cor daquele barro: *Adam, id est, Ruber.*

Agora pergunto; e como era o vermelho daquele barro? É sem dúvida que não era aquele vermelho, a que chamamos próprio, ou rubicundo; era ou-

tro vermelho impróprio, qual é o do barro, porque, não há barro natural que seja propriamente vermelho senão baço, ou pardo, que esta é a própria, e rigorosa significação do nome *Ruber*, que quer dizer: *cousa, vermelha, loura, ou que tira a roxo que é o baço, ou pardo do barro*. E é isto, tanto assim, que este nome, *Pardo*, dá o P. Antônio Vieira a este barro de Adão, (Vieira Serm. 20 do Rosario p. 165, § 177), discorrendo sobre estas mesmas cores Branca, preta, e Parda, e apropriando o Pardo do barro, a cor nos Pardos; e fazendo o reparo, porque não havia Deus chamar a Adão, com o nome do barro, se não da cor. Este foi o seu reparo; o que eu faço agora, é este. E por que, não quis Deus para dar cor àquela primeira Imagem do homem, nem a cor branca, nem a preta, se não só a Parda? A razão, que devemos dar hoje é; porque, a cor Parda era mais perfeita, que a preta, e que a branca. Das mesmas palavras daquele grande Pregador havemos tirar esta razão. Diz ele assim: *Não quis Deus, que aquela cor fosse alguma das extremas, quais são a branca, e a preta, senão outra cor meia, e mista, que se compusesse de ambas qual é a vermelha, ou Parda, no seu sentido*.

Agora digo assim.

A cor Parda, diz aquele grande pregador, é uma cor meia, ou mista, que participa da branca, e da preta; logo bem se segue, que a cor parda é mais perfeita, que a preta, e que a branca; é sem dúvida; pois os mistos, como sabem os Filósofos; são mais perfeitos, que as partes de que resultam; porque participam das perfeições destas partes. E aqui temos já por princípio natural, a cor parda mais perfeita, que a cor preta, e branca. E esta é a razão, porque não quis Deus para dar cor àquela primeira Imagem do homem, nem a cor branca, nem a preta, se não só a Parda, porque a Parda era mais perfeita, que a preta, e que a branca. E assim a pedia a mesma razão natural; porque ainda naturalmente falando aquela Imagem do homem, era a obra mais perfeita que tinha saído das mãos de Deus, e como mais perfeita, devia ser adornada com a mais perfeita cor; a cor foi a Parda; logo, a cor Parda naturalmente falando é mais perfeita, que a preta, e que a branca: *Adam, id est Ruber*. Para confirmação nos não há de faltar nem a Filosofia, nem a Teologia com as razões. E ainda que, os exemplos, que apontamos não pertençam todos à linha dos mistos, os que vêm fora dela, é porque tem para o nosso intento, o que basta, que é, contêm em si as perfeições das partes, que contém, e por isto, serem mais perfeitos, que estas partes.

Na boa Filosofia o corpo misto elementar é mais perfeito, que cada um dos elementos, e a razão é; porque o corpo misto elementar contém em si todas as qualidades elementares, e participa da perfeição de cada uma delas. A alma racional é mais perfeita que a alma só vegetariana, e que a alma sensitiva só; e a razão é; porque a alma racional contém em si estas duas, e todas as suas perfeições. O Sol entre todos os Planetas é o mais perfeito, e uma das razões é porque no Sol se vêm juntas, e unidas as perfeições de todos, e cada um dos Planetas, *In unum Colle Etis*.

Deus é mais perfeito, que todas as criaturas, e a razão é; porque Deus contém em si todas as perfeições das criaturas. Logo, se a cor parda inclui, e participa as perfeições da negrura, e alvura; bem se segue, que a cor parda é a mais perfeita, que a branca, e que a preta.

Mais ainda, e é razão Teológica. O conhecimento simulintuitivo, e abstrativo é mais perfeito; *extensivo*, que o conhecimento só intuitivo, e que o conhecimento abstrativo só; e a razão é, porque o conhecimento simulintuitivo, e abstrativo, há-se como uma terceira espécie, que participa dos dois conhecimentos Intuitivo, e abstrativo: Agora a nossa conclusão: A cor parda há-se como uma terceira espécie, que participa da cor branca, e da cor preta; logo, a cor parda é mais perfeita, que a cor preta, e que a cor branca. Vamos à razão moral.

Moralmente falando, aquela virtude é mais perfeita, que põem ao sujeito em grau mais superior, e lhe dá o primeiro lugar. O mártirio na hierarquia da Igreja tem o primeiro lugar, e põem aos Santos em grau mais superior, que a confissão: logo, é mais perfeito, que a confissão, o mártirio. Agora digo assim: A cor parda o primeiro Santo, que deu para a Igreja foi um Santo Mártir; a cor branca, ainda que tem dado muitos mártires os primeiros que deu foram confesores; e a cor preta só confesores, é que tem dado até agora: o mártirio na ordem da Igreja, põem aos Santos em grau mais superior, e lhes dá o primeiro lugar, que aos confesores; logo, a cor Parda moralmente falando é mais perfeita, que a branca, que os primeiros Santos, que deu foram confesores, e que a preta, que só confesores tem dado. Venha já a Divina Escritura com a sua luz o fazernos mais claro este discurso, e seja em um passo todo de luzes.

Quae est ista; quae progreditur, quasi aurora consurgens, pulcha ut luna, electa ut Sol. (Catic. 6.9). Que alma Santa é esta; Quem é este Santo, que levantando-se como engraçada aurora, e participando juntamente dos resplendores do Sol, e dos reflexos da Lua, vem dando passos, que inculcam vagares, e mostram primazias: *Quae est ista, quae progreditur quasi aurora consurgens pulchra ut luna, electa ut Sol?* Se a sabedoria de Salomão se pusesse de propósito a fazernos uns rascunho da Imagem do Nosso Santo, o não podia deixar debuxado com melhores cores. Notem: três cores divisam a grande luz do Padre Antônio Vieira neste quadro de Salomão: (Vieira tom. 10. Serm. 20 p. 151 § 159); a preta, a branca, e a parda. No sol a branca, que é o dia; na Lua a preta, que é a noite; e a parda na aurora, que são uns crepúsculos, que não são noite, nem dia, mas participam do branco, e do preto de ambos. Já por estas cores temos descoberto, que a Imagem, ou figura, que daqui descrevia Salomão era a do nosso Santo Pardo pela cor, com participação de branco, e preto: *Quasi aurora consurgens pulchra ut Luna, electa ut Sol.*

Aqui, como sombras, para darem algum realce a este quadro, e fazerem mais própria esta pintura, parece podermos aplicar o que na oit. 14. do cont. I disse o nosso Português Homero. Reinos da Aurora chama ele ali aos da Índia Oriental: e da mesma Aurora direi eu agora são filhos os seus naturais; pela proporção, que tem com os crepúsculos daquela, a cor destes, Pardos com propriedade, como nosso Santo por participar do branco, e preto como natural dos Reinos da Aurora: *Quasi aurora consurgens pulchra ut Luna, electae ut Sol.*

Ainda conheceremos melhor ao nosso Santo nesta figura, se repararmos de caminho nos passos, com que disse Salomão havia ele fazer esta sua jornada: *Quae progreditur: Progreditur*, quer dizer, passar avante de um a outro lugar, não

com passos apressados, mas com discurso vagaroso. Assim tem feito, esta sua viagem do Japão até Pernambuco o Beato Gonçalo Garcia, pois, partindo das Índias há 148 anos, que tantos há desde o do seu martírio até o presente, ainda agora chega aqui: *Progreditur*. Mas os vagares, com que veio, nos deu lugar a reparar, em que a sabedoria de Salomão, não só o quis deixar conhecido por Pardo, senão, que no modo com que o deixou, logo exprimiu também a singularidade, e primazia da sua cor parda, sobre a branca, e a preta; porque, não só põem, a aurora primeiro, que o Sol, e a Lua, e a cor parda em primeiro lugar, que a preta, e a branca; *Aurora; Luna, & Sol*: mas diz também que entre a branca, e a preta, se levanta a parda com a primazia, que isto quer dizer o *Consurgens: Quasi aurora consurgens, pulchra ut Luna electa ut sol*.

E tanto fica, em ordem de perfeita, a cor parda superior à branca, e à preta, que nem a preta, nem a branca, senão à parda, a guardou Deus, para que com a glória dos seus Santos pusesse na sua Igreja a última coroa. Temos texto quase expresso: *Veni de Libano sponsa mea veni de Libano, veni coronaberis; de capite Amaná, de Vertice sanir & Hermon, de cubilibus Leonum, & de montibus Pardorum*. (Cântico 4.8). É sentido de Herculano, que traz Alapide, que neste lugar convidava Cristo a sua Igreja para ser coroada com a glória, que lhe havia resultar pelas gentes, que a esta Igreja haviam vir de todas as quatro partes do mundo, representadas naqueles quatro montes, que de tal sorte estão situados, que cada um deles corresponde, a cada uma das quatro Regiões do Orbe. O Líbano, que olha para o Setentrão, o Amaná para o Ocidente o Sanir para o meio-dia, e o Hermon para o Oriente. Vejam ao Alapide neste lugar. Agora duvido assim. Se as gentes, que se nomeiam aqui para coroarem a Igreja, são as que habitam as quatro Regiões do mundo, como não são as coroas também quatro? As coroas hão de ser três, significadas naquelas três *Veni, Veni, Veni coronaberis*: e as gentes divididas em quatro partes: *De Libano, de Amaná, de Sanir, de Hermon*? Sim; e por que? Porque ainda que as partes do mundo sejam quatro, as gentes, que as habitam constam só de três cores, que são a branca, a preta, e a parda; porque fora destas três não há gentes no mundo de outra cor.

E daqui se ficará entendendo, que fora do branco, e preto, tudo o mais se deve reduzir a cor parda, e buscar nesta cor a sua própria estação. E como as cores de todas as gentes, ainda que estejam espalhadas pelas quatro partes do mundo, se reduzem só a três; e destas três queria Cristo compor as coroas para a sua Igreja por isso diz que haviam ser as coroas três, porque três, são as cores de todas as gentes: *Veni, veni, veni, coronaberis*.

Antes que concluamos o conceito, é preciso notarmos aqui alguma coisa mais. A comum opinião dos sagrados Expositores tem, que aquelas últimas palavras: *Decubilibus Leonum, & de montibus Pardorum*: (Apud. Alap. hic) se devem referir aos três montes: *Amaná, Sanir, e Hermon*; porque neles, e nas suas cavernas, e grutas tem os Leões, e Pardos a sua morada, e assistência, Adricomio na descrição da terra Santa com Brocardo, e Brandebachio dizem que este: *Decubilibus Leonum, & montibus Pardorum*: é outro monte muito diferente dos quatro nomeados; e afastado do Líbano para a parte do meio-dia: Agora dis-corro assim.

Ou aqueles montes sejam quatro, como querem alguns; ou o monte dos Pardos seja o quinto como afirmam outros, sempre neles havemos descobrir as três cores de gentes, que habitam toda a Terra, a branca, a preta, e a parda. Se forem só quatro os montes, e neles estejam as grutas dos Leões, e Pardos neles temos todas as três cores. A branca repartida por todos os quatro montes, porque, em todas as quatro partes do mundo acharemos a cor branca, e em todas quatro partes dando Santos para glória, e coroa da Igreja de Deus. E em algumas destas quatro partes, como na África, e Etiópia, que é covil de leões a cor preta, formando também para a Igreja a sua coroa com os seus Santos; e a nossa América, em cujas serranias abundam tigres, e onças; e onde os racionais pardos mais tem dilatado as suas descendências a sua cor compondo também para a Igreja a sua coroa, com sujeitos assinalados em virtude, e Santidade.

E se com este monte dos Pardos fizermos outro monte distinto dos quatro, ainda acharemos mais ao vivo estas três cores. A branca repartida pelos quatro, como dissemos; e com mais extensão ao monte Libano, que significa alvo, ou branco, e olha para o setentrião, ou Norte, onde foi, e é o maior ajuntamento da gente branca: *Libanus, significat album: Respicit ad Septentrionem*, (Alap. Supr.) No monte dos Pardos, e Leões, as duas cores, preta, e parda. Ou porque estas sendo duas meias irmãs, na cor, e andando quase sempre juntas, são tão pouco unidas, que se tratam como duas feras. Ou porque, neste monte dos Pardos diz mesmo Adricomio em uma grande gruta, se acha um magnífico sepulcro, que diz Alapide, ser de Canaã, filho de Cam, negro pela cor, e preto por castigo. E aqui temos neste só monte a cor parda e mais a preta. A preta por Canaã negro, e a parda, pelos Pardos: *De montibus Pardorum: Adde quod ibi ostendit in spelunca monumentum, quod incolae putant esse sepulchum Josue, sed verius videri esse sepulchum chanaan filii Cham: diz Alapide.*

Agora para concluirmos o pensamento, pergunto; e qual destas três cores foi a que pôs a Igreja com a glória dos seus Santos a última coroa? O mesmo texto está dizendo foi a cor parda, pois é a última, que aqui se põem. *Veni Veni, Veni coronaberis. . . de montibus Pardorum.* E nós o estamos hoje vendo assim, pois vemos ao Beato Gonçalo Garcia, Pardo pela cor, sendo último, que entre os da cor branca e preta vem a pôr na Igreja esta coroa. *Veni corona beris. . . de montibus Pardorum.*

Grande excelência, da cor parda! grande dita a desta cor! guarda-a Deus, para que nestes últimos tempos com a glória dos seus Santos, pusesse na sua Igreja a última coroa! grande dita! ainda não está encarecida, como pede o dia esta dita cor parda sobre a branca, e a preta; e para acabarem de ver, notemos mais.

Se fizermos reflexão neste texto, acharemos, que só diz, que a Igreja fora convidada para ser coroada por estas três cores; mas não declara, qual delas foi a que pôs esta coroa. Diz que haviam de coroar: *Coronaberis*, mas não diz qual foi a que coroou! E se lermos os Sagrados Expositores, e Santos Padres acharemos, que só da cor parda, diz S. Gregório, que foi a que pôs na Igreja aquela coroa: *De montibus Pardorum coronatur Ecclesia* (D. Greg. apud Alapide hic). E pois, como assim? É convidada a Igreja, para ser coroada pela cor branca, pela preta, e pela parda: *Veni, Veni, Veni coronaberis*, e no remate, foi a cor parda, é a que põem esta coroa: *De montibus Pardorum coronatur Ecclesia?*

Havemos dizer, que a Igreja não foi coroada pelas mais cores? Não diremos tal; porque, não só foi coroada por elas, mas elas foram as primeiras, que lhe deram coroas, pois foram as que primeiro tiveram Santos.

Mas por isso mesmo, que foram primeiras, se não havia dizer, que foram elas, as que coroaram; porque a glória de pôr a coroa, só a leva, aquele, que vem por último: porque o último dizem, é o que coroa; e a razão toda pode ser porque a cor parda por isso mesmo, que, era a última, era mais perfeita, que a branca, e que a preta; e como mais perfeita por última, havia ser guardada para que, com a glória de seus Santos pusesse na Igreja de Deus a última coroa: *Veni, Veni, Veni coronaberis. De montibus Pardorum. Demontibus Pardorum coronatur Ecclesia*. Nem o Beato Gonçalo Garcia podia ter hoje maior glória.

Beati eritis, e nem os da sua cor podem ter neste dia gosto, e prazer maior: *Gaudete in illa die, & exultate*.

Glorioso Santo, Martir sempre invicto; agora, que tenho concluído este discurso é que conheço um grande erro, que cometi: fui nele muito dilatado, não podia ser muito compreensivo. Pois foi sempre achar que de compreender pouco e dizer muito; e certamente, não podia discorrer muito fundo, que não passou da superfície. Arrebataram-me os acidentes da vossa cor, não pude chegar ao substancial das vossas virtudes: mas como podia entender de substâncias discurso possuído de acidentes. Fiquem pois estas virtudes para quem com maior juízo possa formar delas melhor conceito. Que, o que eu agora vos quero pedir tanto pelas da vossa cor, como pelos da branca, e preta é que despacheis para todas aquelas duas petições, que por vós fizemos hoje a Deus na oração que vos cantamos como na Igreja, é assim: *Praesta, quaesumus, omnipotens Deus, ut intencedente Beati Gundisalvo Garcia, & acuntis adversitatibus (digamos assim) munde mur in corpore; & a pravis cogitationibus liberemur in mente*: os da vossa cor, meu santo, vos pedem, lhe alcanceis de Deus, fiquem para sempre limpos, e purificados da maldade, que lhe punham os adversários do seu nome nos acidentes da sua cor. *Et acum etis adversitatibus mundetur in corpore*, e os da cor branca vos pedem também, ou eu por eles, lhes alcanceis do mesmo Senhor, lhes queira livrar o entendimento de cuidarem mais, que os da vossa cor tem impedimento algum para terem Santos, porque isto é um pensamento mau: *Et a pravis cogitationibus liberemur mente*. Para que assim como a vossa, se acabe também esta nossa oração, para maior honra, e glória de Deus. Amém.

O que aqui se diz da virtude de alguns, sujeitos, que ainda não estão declarados pela Igreja, e nem tem por ela culto, não queremos tenha mais fé, que a que se deve a uma pura narração; e o sujeitamos a determinação da mesma Igreja, e Decretos Pontifícios.

Fr. Antônio de Santa Maria Jaboatão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 CAMÕES, Luiz de. *Os Lusíadas*. Canto X e LXI
- 2 JABOATÃO, Fr. Antônio de Santa Maria. *Discurso Histórico, Geográfico, Genealógico, Político, e Encomiástico*. Recitado na nova celebridade, que dedicaram os Pardos de Pernambuco, ao Santo da sua cor, O Beato Gonçalo Garcia, na sua Igreja do Livramento do Recife, aos 12 de Setembro do ano de 1745. Lisboa, Na Oficina de Pedro Ferreira, Impressor da Augustíssima Rainha N. S., Ano de MDCCLI. 64 p.
- 3 JABOATÃO, Fr. Antônio de Santa Maria. *Jaboatão Mystico em correntes sacras dividido*. Lisboa, Oficina de Antônio Vicente da Silva, 1758. 292 p.
- 4 RODRIGUES, José Honório. *História da História do Brasil*. 1a. parte Historiografia Colonial. Companhia Editora Nacional, 1979. 534 p.
- 5 SANTOS, Frei Joseph dos. *Sermão de São Gonçalo Garcia*, pregado no terceiro dia do soleníssimo tríduo, que celebraram os Homens Pardos da Cidade da Bahia na Catedral da mesma cidade. Aos 24-25-26 dias do mês de Novembro do ano de 1746, Lisboa, Na Oficina de Miguel Rodrigues, Impressor do Eminentíssimo Senhor Cardeal Patriarca, MDCC XLVII, 32 p.

DISCURSO
Historico, Geographico, Genealogico, Politico, e Encomiastico,

RECITADO

*Na nova celebridade, que dedicaraõ os Pardos
de Pernambuco, ao Santo da sua cor,*

O BEATO

GONCALLO GARCIA.

Na sua Igreja do Livramento do Recife, aos
12. de Setembro do anno de 1745.

PELO PADRE PREGADOR

Fr. ANTONIO DE SANTA MARIA

J A B O A T A M.

Natural do mesmo lugar, e Religioso da Provincia de Santo
Antonio do Brazil.

OFFERECIDO AO REVERENDISSIMO PADRE

Fr. GERVASIO DO ROSARIO,

*Pregador, Ex-Diffinidor, Dignissimo Padre, e attualmente Emere-
tissimo Provincial da mesma Provincia de Santo Antonio do Brazil.*



L I S B O A :

Na Officina de Pedro Ferreira, Impressor, da Augus-
tissima Rainha N. S. Anno de M.DCC.LI.

Com todas as licenças necessarias.

